



Política, Direitos, Violência e Homossexualidade
Pesquisa 5ª Parada da Diversidade - Pernambuco 2006

REALIZAÇÃO:

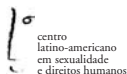
Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM)/UERJ

Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC)/UCAM

Instituto Papai

Fórum LGBT de Pernambuco

Núcleo de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (Gema)/ UFPE



APOIO:

Gerência de Livre Orientação Sexual da Prefeitura da cidade do Recife

SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia



COORDENAÇÃO GERAL DA PESQUISA:

Sérgio Carrara (CLAM/IMS/UERJ; Pesquisador CNPq)

Sílvia Ramos (CESeC/UCAM)

Paula Lacerda (CLAM/IMS/UERJ)

Benedito Medrado (Gema/UFPE e Instituto PAPAÍ)

Nara Vieira (Instituto PAPAÍ)

ESTATÍSTICA RESPONSÁVEL:

Greice Maria S. da Conceição (CESeC/UCAM)

ESTATÍSTICO ASSISTENTE:

Gabriel Fonseca da Silva (CESeC/UCAM)



Política, Direitos, Violência e Homossexualidade Pesquisa 5ª Parada da Diversidade - Pernambuco 2006

Sérgio Carrara
Sílvia Ramos
Paula Lacerda
Benedito Medrado
Nara Vieira

Copyright © Centro Latino Americano
em Sexualidade e Direitos Humanos – IMS/UERJ

Projeto gráfico
Anna Amendola

Revisão
Malu Resende

C313

Carrara, Sérgio.

Política, direitos, violência e homossexualidade.
Pesquisa 5ª Parada da Diversidade – Pernambuco 2006 /
Sérgio Carrara...[et al]. – Rio de Janeiro : CEPESC, 2007.

90p. (Coleção Documentos; 6)

ISBN 978-85-89737-07-4

1. Homossexualidade. 2. Direitos Humanos. 3. Violência.
4. Pesquisa. 5. Pernambuco. I. Ramos, Sílvia. II. Lacerda,
Paula. III. Medrado, Benedito. IV. Vieira, Nara. V. Centro
Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos.
VI. Título.

Catalogação – Sandra Infurna CRB-7 - 4607

Apoio:



FORD FOUNDATION

Ao procurarem conhecer melhor os(as) participantes das paradas do orgulho GLBT¹ brasileiras, pesquisadores, militantes e voluntários, vinculados ao Núcleo de Pesquisas em Gênero e Masculinidades da Universidade Federal de Pernambuco (Gema/UFPE), ao Fórum LGBT de Pernambuco, à ONG Instituto PAPAI, à Gerência de Livre Orientação Sexual da Prefeitura da cidade de Recife, ao Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes e ao Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos do Instituto de Medicina Social / Universidade do Estado do Rio de Janeiro, conduziram em 2006 pesquisa de perfil quantitativo na 5ª Parada da Diversidade de Pernambuco, cujos principais resultados são aqui apresentados e comentados.

O Instituto PAPAI (www.papai.org.br/) é uma organização não-governamental feminista, fundada em 1997, com sede em Recife, nordeste do Brasil. Desenvolve ações educativas, informativas e políticas junto a homens e jovens em situação de pobreza, bem como estudos e pesquisas sobre masculinidades, a partir da perspectiva de gênero. Tem como missão promover cidadania com justiça social, contribuindo para a garantia dos direitos humanos, atuando em prol da eliminação de todas as formas de violência, particularmente as baseadas em gênero, idade, raça/etnia e/ou orientação sexual. Participa da organização da Parada da Diversidade de Pernambuco desde a primeira edição, em 2002, e desenvolve, desde 2005, o projeto “A diversidade é legal: ações estruturais pelo fim da homofobia”, cujo objetivo é

¹ “GLBT” é a sigla utilizada para Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

desenvolver um conjunto de ações pelo fim do preconceito e da discriminação contra gays, lésbicas e transgêneros em Pernambuco: 1. apoiando iniciativas do movimento LGBT em nosso estado e 2. investindo em instituições estruturais, como educação e saúde, como forma de quebrar o ciclo da violência.

O Fórum de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros de Pernambuco, fundado no primeiro semestre de 2004 em Recife, atua junto à articulação política do movimento de luta contra o preconceito e pelos direitos humanos e civis dos homossexuais, que congrega a sociedade civil organizada, redes e movimentos que atuam no campo dos direitos humanos para gays, lésbicas e transgêneros, sem distinções religiosas, étnico-raciais, ideológicas, de gênero, orientação sexual, de faixa etária ou partidárias.

O Núcleo de Pesquisa em Gênero e Masculinidades (Gema/ UFPE) está inscrito no CNPq desde 1998, através de parceria entre o Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco e o Instituto Papai, tendo os objetivos de promover um espaço multidisciplinar de interlocução e construção de projetos comuns, integrando pesquisadores vinculados a universidades e/ou a organizações não-governamentais, com diferentes níveis de formação e campos de atuação variados, no âmbito das Ciências Humanas, Sociais e da Saúde e de alimentar uma rede de estudos e pesquisas sobre relações de gênero no contexto da saúde, da sexualidade e da reprodução, com especial destaque para os trabalhos sobre homens e masculinidades.

O Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (www.uacam-cesec.com.br) realiza pesquisas aplicadas nas áreas de segurança pública, justiça e cidadania. Criado em abril de 2000, reúne uma equipe de especialistas com experiência em trabalho acadêmico, em atuação em movimentos sociais e em formulação e execução de políticas públicas e tem como principal compromisso contribuir para a modernização e a democratização do sistema brasileiro de justiça criminal, visando ao estabelecimento de uma cultura participativa de segurança pública no país.

Criado em 2002, o Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (www.clam.org.br) tem como finalidade principal produzir, organizar e difundir conhecimento sobre a sexualidade na perspectiva dos direitos humanos, buscando contribuir para a diminuição das desigualdades de gênero e para o fortalecimento da luta contra a discriminação das minorias sexuais na região. Através do diálogo entre universidade, movimentos sociais e formuladores de políticas públicas na América Latina, o Centro articula pesquisadores, militantes e outros parceiros interessados em fomentar o debate sobre a sexualidade e os direitos sexuais.

A investigação desenvolvida em 2006 por esse conjunto de instituições dá continuidade ao trabalho iniciado em 2003 e 2004, no Rio de Janeiro, e reproduzido, com os mesmos objetivos e métodos, em Porto Alegre (2004) e em São Paulo (2005).² Além de revelar aspectos pouco conhecidos do perfil sociopolítico dos participantes das paradas brasileiras e, por extensão, da população GLBT que se concentra nas grandes cidades do país, o interesse principal é mapear os padrões de violência e discriminação que atingem gays, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais através de uma “amostra por conveniência”, considerando que se trata de uma população de difícil acesso.

Pelas dimensões alcançadas em algumas cidades e por sua rápida difusão em todo o território nacional, as paradas do orgulho GLBT merecem uma reflexão cuidadosa. Além de serem importante fenômeno social e político, as paradas reúnem uma população que, de certo modo, dificilmente poderia ser alcançada por uma investigação sociológica.

As paradas oferecem, assim, oportunidade ímpar para que gays, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais brasileiros sejam melhor conhecidos. Dadas, sobretudo, as segmentações gera-

² Ver CARRARA, Sérgio; RAMOS, Sílvia & CAETANO, Marcio (orgs.). *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003. CARRARA, Sérgio & RAMOS, Sílvia. *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade – 9ª Parada do Orgulho GLBT Rio 2004*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005. CARRARA, Sérgio; RAMOS, Sílvia; FACCHINI, Regina & SIMÕES, Julio. *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade – 9ª Parada do Orgulho GLBT de São Paulo 2005*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2006.

*cionais de classe e identitárias que marcam essa população, ela dificilmente poderia ser abordada em sua extrema diversidade em qualquer outro espaço social (seja de lazer, de trabalho ou mesmo de ativismo político). E se isso ocorre, talvez seja pelo fato de as paradas se organizarem justamente em torno de uma espécie de denominador comum que agrega todo esse universo: a luta contra a discriminação e o preconceito que atingem diferentes “minorias sexuais”. O fato de as paradas serem estratégicas, do ponto de vista social e político, para a produção de conhecimento relevante tem sido reconhecido por organizações ativistas e instituições de pesquisa. Nos últimos anos esse tipo de investigação vem se multiplicando tanto no Brasil como em outros países latino-americanos.*³

³ Ver FIGARI, Carlos; JONES, Daniel; LIBSON, Micaela; MANZELLI, Hernán, RAPISARDI, Flavio; SÍVORI, Horacio (orgs.). *Sociabilidad, Política, Violência y Derechos: La marcha del orgullo GLTTB de Buenos Aires 2004, primera encuesta*. Buenos Aires: Antropofagia, 2005. JONES, Daniel; LIBSON, Micaela e HILLER, Renata (orgs.). *Sexualidades, Política y Violencia: La Marcha del Orgullo GLTTBI - Buenos Aires 2005, segunda encuesta*. Buenos Aires: Antropofagia, 2006. PRADO, Marco Aurélio Máximo et alli. *Participação, política e homossexualidade – 8ª Parada do Orgulho GLBT de Belô*. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 2006. JONES, Daniel; LIBSON, Micaela e HILLER, Renata (orgs.). *Sexualidades, Política y Violencia: La Marcha del Orgullo GLTTBI - Buenos Aires 2005, segunda encuesta*. Buenos Aires: Antropofagia, 2006.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	_ 5
1.INTRODUÇÃO	_ 13
2.GRÁFICOS E COMENTÁRIOS	
GRÁFICO 1 - Perfil dos(as) participantes	_ 19
GRÁFICO 2 - Sexualidade auto-atribuída	_ 22
GRÁFICO 3 - Sexualidade agregada	_ 23
GRÁFICO 4 - Sexualidade auto-atribuída por agregada	_ 23
GRÁFICO 5 - Situação amorosa	_ 26
GRÁFICO 6 - Situação amorosa por sexualidade agregada	_ 26
GRÁFICO 7 - Tempo de relação	_ 28
GRÁFICO 8 - Sexualidade agregada por sexo do parceiro	_ 29
GRÁFICO 9 - Filhos	_ 30
GRÁFICO 10 - Para quem já se assumiu (múltiplas respostas)	_ 31
GRÁFICO 11 - Religião em que foi criado(a) e a que frequenta (múltiplas respostas)	_ 32
GRÁFICO 12 - Motivo de comparecimento	_ 34

GRÁFICO 13 - Motivo de comparecimento por sexualidade agregada	_34
GRÁFICO 14 - Teste anti-HIV	_36
GRÁFICO 15 - Uso de hormônios ou silicone (somente trans)	_37
GRÁFICO 16 - Orientações sobre cuidados no uso de silicone ou hormônio (somente trans/múltiplas respostas)	_37
GRÁFICO 17 - Frequência ao ginecologista (somente para mulheres homossexuais e bissexuais)	_38
GRÁFICO 18 - Associativismo e participação em movimentos sociais (múltiplas respostas)	_39
GRÁFICO 19 - Conhecimento de Lei ou de projetos de lei em Pernambuco ou no Brasil que beneficiem gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros	_40
GRÁFICO 20 - Leis ou projetos de leis mencionados pelos participantes	_40
GRÁFICO 21 - Políticos mais lembrados que apóiam a causa GLBT em Pernambuco ou no Brasil (múltiplas respostas)	_41
GRÁFICO 22 - Opinião sobre o projeto de Parceria Civil por sexualidade agregada	_42
GRÁFICO 23 - Opinião sobre gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros terem/criarem filhos por sexualidade agregada	_44
GRÁFICO 24 - Incidência de discriminação e de agressão (pelo menos uma experiência)	_45
GRÁFICO 25 - Modalidades de discriminação (múltiplas respostas)	_47
GRÁFICO 26 - Discriminação por grupo de amigos ou vizinhos por sexualidade agregada	_48
GRÁFICO 27 - Discriminação por professores ou colegas, na escola ou na faculdade, por sexualidade agregada	_49
GRÁFICO 28 - Discriminação em ambiente familiar por sexualidade agregada	_51
GRÁFICO 29 - Discriminação em ambiente religioso por sexualidade agregada	_52

GRÁFICO 30 - Discriminação no comércio ou em locais de lazer por sexualidade agregada	__53
GRÁFICO 31 - Discriminação por policiais ou mau atendimento em delegacias por sexualidade agregada	__54
GRÁFICO 32 - Discriminação no trabalho ou no emprego por sexualidade agregada	__55
GRÁFICO 33 - Discriminação em serviços de saúde ou por profissionais de saúde por sexualidade agregada	__56
GRÁFICO 34 - Discriminação no ato de doar sangue por sexualidade agregada	__57
GRÁFICO 35 - Modalidades de agressão (múltiplas respostas)	__58
GRÁFICO 36 - Local da Agressão	__59
GRÁFICO 37 - Agressão verbal/ameaça de agressão por sexualidade agregada	__60
GRÁFICO 38 - Agressão física por sexualidade agregada	__61
GRÁFICO 39 - Chantagem ou extorsão por sexualidade agregada	__62
GRÁFICO 40 - Violência sexual por sexualidade agregada	__63
GRÁFICO 41 - “Boa noite Cinderela” por sexualidade agregada	__64
GRÁFICO 42 - Panorama comparativo de agressões por identidade sexual agregada (múltiplas respostas)	__65
GRÁFICO 43 - Relato da agressão	__67
GRÁFICO 44 - Para quem relatou a agressão (múltiplas respostas)	__67
GRÁFICO 45 - Agressores (múltiplas respostas)	__69
3.CONCLUSÕES	__71
ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO	__73
ANEXO 2 - RELAÇÃO DE SUPERVISORES(AS) E ENTREVISTADORES(AS) VOLUNTÁRIOS(AS)	__87

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, assistimos no Brasil à multiplicação de eventos comemorativos do Dia do Orgulho de Gays, Lésbicas, Travestis, Transexuais e Bissexuais, tradicionalmente celebrado em diferentes países no dia 28 de junho. As paradas têm sido ponto de máxima visibilidade de tais comemorações e vêm sendo incorporadas aos ciclos anuais das grandes festas e manifestações públicas nas principais cidades brasileiras. Sua organização vem recebendo nos últimos anos apoio de prefeituras e do governo federal, através dos ministérios da Saúde e da Cultura. Em 2006, o Brasil foi considerado o país que mais realizou Paradas do Orgulho GLBT, totalizando mais de 100 manifestações em suas diferentes regiões.⁴ Ao lado de milhões de manifestantes anônimos, têm participado das paradas também artistas, políticos, representantes de organizações da sociedade civil e de agências governamentais que apóiam as reivindicações do movimento.

No nordeste, há várias iniciativas de combate à homofobia e de promoção do respeito à diversidade sexual, tanto no âmbito de projetos e programas direcionados à população em contexto escolar, quanto em um plano mais geral, como são as Paradas do Orgulho, realizadas em Pernambuco e em várias outras cidades. Em 2002, a primeira edição da Parada da Diversidade de Pernambuco reuniu cerca de 5 mil pessoas. No ano seguinte, este número dobrou, reunindo mais de 10 mil participantes. Apesar da forte

⁴ “O Brasil vai bater, em 2006, um recorde no número de paradas do orgulho gay. Desde o início do ano até dezembro, serão 102 eventos do gênero em todo o país – um aumento de 36% em comparação com o ano passado, quando foram realizadas 75 paradas.” (da *Folha Online*, disponível na Internet via: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u61695.shtml>)

chuva, a Parada contou, em 2004, com 15 mil pessoas e, em 2005, com mais de 25 mil manifestantes, de acordo com dados do Fórum LGBT de Pernambuco.

Em 2006, 40 mil participantes teriam comparecido à 5ª Parada da Diversidade de Pernambuco, cujo tema foi: “Violência contra homossexuais. Todo mundo tem a ver com isso!”. O evento aconteceu no dia 1º de setembro, uma sexta-feira, dia em que tradicionalmente a Parada de Pernambuco é realizada. Às 15 horas teve início a concentração na Praça Oswaldo Cruz, centro de Recife, onde se apresentaram transformistas, cantores, poetas e poetisas e também discursaram representantes do governo e de instituições não-governamentais. A movimentação dos trios elétricos começou por volta das 19 horas na Avenida Conde da Boa Vista e seguiu em direção à Av. Dantas Barreto, encerrando por volta da meia-noite. No total, foram 10 trios elétricos, sendo cinco de organizações não-governamentais vinculadas ao Fórum LGBT e cinco de empresas privadas (especialmente saunas e boates).

Segundo dados de nossa amostra, além dos moradores de Recife, houve também participantes que vieram de diferentes cidades de Pernambuco e de estados próximos, como Bahia, Alagoas, Paraíba e do Distrito Federal. Quem veio de fora de Recife, chegou, em sua maioria, de ônibus e cerca de 10% hospedaram-se em hotéis ou pousadas. Estes números dão uma mostra da importância potencial de eventos como este para cada local, apesar do pouco incentivo governamental a este tipo de turismo.

Em Recife, uma seleção pública de pesquisadores(as) antecedeu a realização da pesquisa. A convocatória reuniu 92 inscrições, das quais foram selecionadas 63 pessoas, sendo divididas em seis grupos, sob a coordenação de supervisores(as) de campo. Os(as) pesquisadores(as) selecionados(as) participaram de diferentes etapas do survey, como discussão do questionário, treinamento, realização de pré-testes etc.⁵ Cada entrevistador(a) realizou entre 10 e 13 entrevistas, com duração média de 15 minutos. Preencheram-se 791 questionários válidos, cujos resultados foram analisa-

⁵ Os(as) supervisores(as) de campo e a maior parte dos(as) entrevistadores(as) eram alunos de graduação da Universidade Federal de Pernambuco. Participaram também jovens ligados a projetos do Instituto Papai e à Prefeitura de Recife, que apoiou a reprodução dos questionários. Ressaltamos que, entre os surveys que realizamos, este foi o primeiro que contou com voluntários oriundos de órgãos públicos. O treinamento foi realizado na sede do SOS Corpo, que cedeu gentilmente suas instalações.

dos por um grupo menor de pesquisadores(as), acompanhados por uma estatística⁶ e um assistente. Compilaram-se os resultados em um banco de dados, tabulados com o auxílio do aplicativo SPSS 15.0; os gráficos foram elaborados utilizando-se o Excel.

Um pouco mais da metade (36) desses(as) entrevistadores(as) já havia participado de uma Parada do Orgulho; 31 afirmaram ser sua primeira vez e um não respondeu. Eles/Elas eram sobretudo jovens com média de idade de 27 anos e 57% eram mulheres. Em relação à orientação sexual, a maioria (66,2%) definiu-se como “heterossexual”, sendo que no caso das mulheres esse percentual sobe para 87,2%. Entre os entrevistadores, a relação inverte-se, pois mais da metade definiu-se como *homossexual*. Em relação à raça, segundo o padrão do IBGE, 41,2% dos pesquisadores definiram-se como pardos; 29,4% como brancos; 11,8% como pretos; 8,8% como indígenas e 2,9% como amarelos.⁷

O questionário (ver **Anexo 1**) teve como objetivo coletar o máximo de informações no mais curto espaço de tempo, uma vez que as entrevistas aconteceram no local da Parada, no período de aproximadamente três horas, que se estende do início da concentração, quando chegam os primeiros participantes, ao início do deslocamento quando, já organizados em alas ou em torno de diferentes carros de som, eles começam a caminhar. Desta maneira, os(as) entrevistadores(as) voluntários(as) chegaram ao local da concentração por volta das 15 horas e, uma hora depois, devidamente identificados⁸, iniciaram as entrevistas. Às 19 horas, a maioria dos questionários já havia sido entregue e iniciou-se o processo de revisão realizado pelo(as) supervisores(as) de campo e pelos coordenadores da pesquisa.

Com 39 questões (das quais, excluindo-se os dados relativos ao perfil socioeconômico, apenas quatro eram abertas), o questionário foi dividido em cinco blocos temáticos, precedidos por três questões introdutórias relativas às razões para o comparecimento ao evento e à identidade do(a) entrevistado(a) e quanto à sua orientação sexual e de gênero. Como nas pesquisas anteriores, o questionário manteve como foco principal os

⁶ Para a composição da equipe em suas diferentes fases, ver **Anexo 2**.

⁷ Além disso, a maioria se disse católico(a) (57,4%), enquanto 17,6% afirmaram ser espíritas kerdicistas e 11,8% evangélicos(as); 75% estavam cursando ou tinham concluído o Ensino Superior. Outros 10,3% já estavam cursando (ou haviam concluído) a pós-graduação.

⁸ Os entrevistadores-voluntários foram identificados através de crachá e camiseta do evento.

temas da violência, da discriminação e dos direitos. Sobre isso, nove questões foram propostas, explorando a experiência de participação em diferentes tipos de movimentos sociais; o conhecimento sobre os direitos já conquistados por gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais; e padrões de vitimização e violência.

Em relação a suas versões anteriores, aplicadas no Rio de Janeiro, em Porto Alegre e em São Paulo, o questionário de Recife trouxe algumas novidades.⁹ Incluímos uma pergunta sobre o “sexo” do parceiro com quem os(as) respondentes estavam se relacionando e duas perguntas sobre deslocamento/hospedagem dos(as) participantes que vieram de outras cidades. Quanto ao “sexo” do(a) entrevistado(a), mantivemos o modelo de pergunta utilizado em 2005 em São Paulo: “Com que sexo você foi registrado ao nascer?”. Desde a primeira pesquisa, em 2003, ficou claro que a variável “sexo do(a) respondente”, que em outros contextos parece ser das mais evidentes ou “naturais”, trazia enormes desafios quando se pesquisava a população GLBT. O que significa, por exemplo, perguntar a uma “travesti” ou a uma “transexual” “qual o seu sexo?”. Estaríamos falando do “sexo” designado no nascimento ou do “sexo” construído ao longo da trajetória de vida? Mantivemos, portanto, a questão “Com que sexo você foi registrado ao nascer?”, mesmo que ela possa parecer estranha para aqueles(as) que acreditam ser evidente que são homens ou mulheres.

É também importante chamar a atenção para a forma como todas as perguntas relativas a contextos e a situações de discriminação foram formuladas. Em nenhum caso usamos explicitamente a expressão “discriminação”, para evitar que um eventual discurso vitimário influenciasse diretamente as respostas. Optamos por apresentar situações concretas, relativas a diferentes contextos de sociabilidade (família, vizinhança, trabalho, lazer e outros), em que o(a) respondente pudesse ter tido experiências de marginalização, exclusão, maus tratos etc. devido à sua sexualidade (orientação sexual ou identidade de gênero).

Além de responderem, como em outras versões do questionário, sobre os

⁹ O questionário utilizado vem, ao longo dos anos, constituindo-se em uma espécie de obra coletiva. Antes de sua aplicação em Recife, versões anteriores já haviam sido discutidas com o Grupo Arco-Iris de Conscientização Homossexual, com o Nuances – Grupo pela Livre Expressão Sexual e com a Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, além de ter recebido contribuições valiosas dos(as) pesquisadores(as) vinculados(as) às universidades que até o momento participaram da pesquisa.

motivos que os(as) levaram à Parada e sobre seu perfil social (idade, escolaridade, religião etc.), os(as) “heterossexuais” foram também convidados(as) a manifestar suas opiniões sobre o projeto de lei de parceria civil entre pessoas do mesmo sexo que ainda tramita no Congresso Nacional, e sobre gays, lésbicas, travestis e transexuais terem ou criarem filhos.

Para compor a amostra não foi estipulado qualquer tipo de cota, mas para potencializar a representatividade dos dados, os(as) entrevistadores(as) foram orientados no sentido (i) de diversificarem ao máximo as pessoas entrevistadas, segundo clivagens de raça, sexo e identidade sócio-sexual (procurando abordar tanto mulheres quanto homens; negros e brancos; travestis e lésbicas etc.); (ii) de permanecerem dispostos em diferentes locais da concentração, procurando assim abordar grupos variados; finalmente, (iii) de espaçarem as entrevistas ao longo do tempo de duração da concentração para não correrem o risco de entrevistar apenas os(as) primeiros(as) a chegar.

Como nos anos anteriores, para facilitar as tabulações e impedir a interpretação equivocada dos dados, continuamos a adotar dois procedimentos relativos à sexualidade e/ou orientação sexual dos entrevistados. Em primeiro lugar, tendo em vista o pequeno número de respondentes que em nossa amostra se declarou “transexual” e “travesti”, agregamos os dois grupos na categoria mais ampla de *trans*. Além disso, combinamos a variável “sexo com que foi registrado ao nascer” – com apenas as opções “masculino” ou “feminino” – e a variável **sexualidade auto-atribuída** – que comportava oito opções (“gay”, “lésbica”, “travesti”, “transexual”, “bissexual”, “entendido(a)”, “homossexual” e “heterossexual”) – para gerar o que chamamos de **sexualidade agregada**, com sete categorias mais inclusivas: *homem homossexual, mulher homossexual, trans*,¹⁰ *homem bissexual, mulher bissexual, homem heterossexual e mulher heterossexual*. Assim, por exemplo, um homem e uma mulher que se identificaram como “entendido/entendida” foram separados e classificados, quanto à sua sexualidade agregada, como *homem homossexual e mulher homossexual*, respectivamente. Do mesmo modo, homens e mulheres que declararam ser, quanto à sua sexualidade auto-atribuída, “bissexuais” foram incluídos, quanto à sua sexualidade agregada, no grupo de *homens bissexuais e mulheres bissexu-*

¹⁰ A categoria agregada *trans* incluiu ainda pessoas que, embora não se identificassem como “transexuais” ou “travestis” relataram terem usado hormônios ou silicone.

ais, respectivamente. Nos gráficos e comentários que se seguem, as sexualidades auto-atribuídas irão sempre aparecer entre aspas, para diferenciá-las das sexualidades agregadas.

Finalmente, dadas as dificuldades e os desafios para a realização de pesquisas quantitativas em grandes manifestações de massa (em que deve ser ainda acrescentado o caráter festivo e ruidoso que tem caracterizado as paradas do orgulho GLBT brasileiras), ressaltamos que, mesmo com os cuidados metodológicos acima mencionados, nossos dados não advêm de uma amostra probabilística e devem, portanto, ser tratados com cautela quanto a possíveis generalizações, seja para a população que participa da manifestação, seja para a população mais ampla de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais de Recife ou do Brasil.

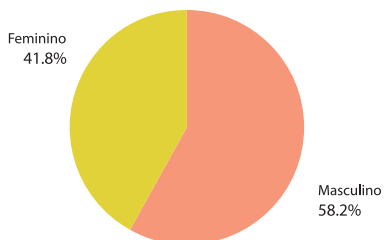
A presente publicação traz nos gráficos os principais resultados da pesquisa. Os comentários referem-se tanto aos dados que os gráficos explicitam, quanto à sua modulação segundo diferentes variáveis (idade, escolaridade, raça/cor, sexualidade agregada etc.) que nem sempre aparecem na forma de gráficos ou de tabelas.¹¹

¹¹ Os dados referentes à incidência dessas variáveis sobre os resultados gerais encontram-se em tabelas disponíveis para consulta via www.clam.org.br e www.ucamcesec.com.br

2. GRÁFICOS E COMENTÁRIOS

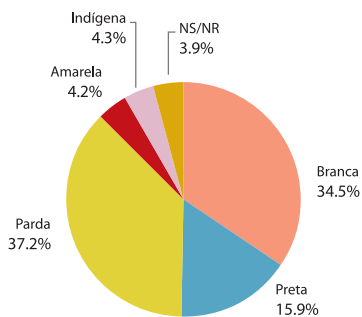
GRÁFICO 1 | Perfil dos(as) participantes

Sexo



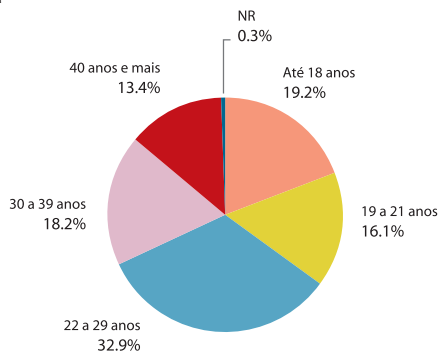
Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE
Nota: Total de 790 entrevistad@s

Cor



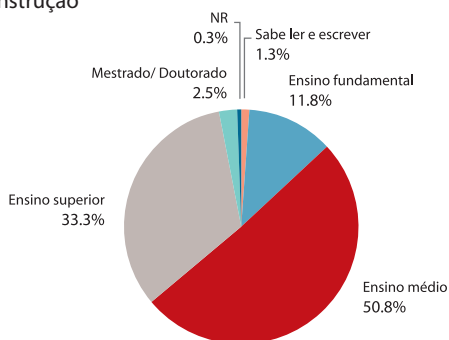
Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE
Nota: Total de 788 entrevistad@s

I Faixa etária



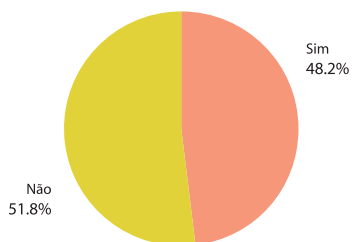
Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE
Nota: Total de 791 entrevistad@s

I Nível de instrução



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE
Nota: Total de 789 entrevistad@s

I Freqüente escola/universidade



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE
Nota: Total de 778 entrevistad@s

I GRÁFICO 1 | COMENTÁRIO

Em relação à 5ª Parada da Diversidade de Pernambuco, houve um leve predomínio dos homens (58,2%) em relação às mulheres (41,8%). Tal diferença foi também observada em pesquisas anteriores. Na Parada de São Paulo (2005), por exemplo, o público foi composto por 59,6% de homens e 40,4% de mulheres.

Em relação à cor ou à raça, conforme definidas pelo IBGE, a maior parte dos(as) respondentes classificou-se como “pardo” (37,2%) e mais de um terço declarou-se “branco” (34,5%). Os “pretos” representaram 15,9% de nossa amostra, número notavelmente maior do que o encontrado pelo Censo-2000 para a cidade de Recife (5,4%). Chama a atenção ainda o grande número de “amarelos” (4,2%) e “indígenas” (4,3%) presente na Parada, quando comparado aos números do Censo-2000 para a cidade (“amarelos”, 0,1%; “indígenas”, 0,4%). O número daqueles(as) que se declararam “brancos” na Parada (34,5%) é menor dos que declararam o mesmo no Censo de 2000 (45,8%).

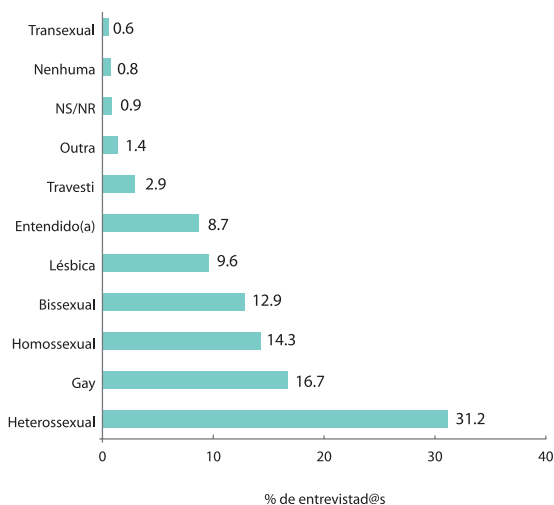
Como em outras cidades pesquisadas, os(as) jovens também predominam na Parada de Recife. Quanto à faixa etária, quase 70% dos(as) respondentes tinham até 29 anos, sendo que 19,2% eram jovens de até 18 anos, 16,1% tinham idades entre 19 e 21 anos e 32,9% declararam ter entre 22 e 29 anos. Ao compararmos tais dados aos obtidos no Rio de Janeiro-2004 e em São Paulo-2005, percebemos que a população da 5ª Parada da Diversidade de Pernambuco é a mais jovem. Enquanto o percentual de respondentes acima de 40 anos variou entre 18,7% em São Paulo-2005 e 19,4% no Rio de Janeiro-2004, em Recife alcançou apenas 13,4%. Semelhante disparidade ocorre na faixa etária de 30 a 39 anos, na qual se encaixaram 23,8% dos(as) respondentes de São Paulo-2005 e 22,1% daqueles(as) do Rio de Janeiro-2004, enquanto em Recife o percentual dessa faixa etária cai para 18,2%.

Os(as) respondentes revelaram um nível de instrução bastante mais elevado do que o encontrado pelo IBGE em Recife. Segundo o Censo-2000, apenas 7,6% da população da cidade tinham mais de 15 anos de escolaridade, ou seja, haviam ingressado em instituições de Ensino Superior. Em nossa amostra, 33,3% dos(as) respondentes haviam chegado ao Ensino Superior, sendo que 2,5% declararam ter cursado ou estar cursando mestrado ou doutorado. A metade dos(as) respondentes (50,8%) afirmou

freqüentar ou ter freqüentado o Ensino Médio, porcentagem bastante mais elevada do que a encontrada pelo Censo-2000 para a população da cidade (13%). Entre os(as) respondentes, apenas 11,8% tinham chegado apenas até o Ensino Fundamental. Comparativamente às outras cidades pesquisadas, o nível de instrução dos(as) respondentes em Recife revelou-se de um modo geral mais baixo. Enquanto aqueles(as) que chegaram à pós-graduação na parada de Recife foram 2,5%, no Rio de Janeiro-2004 esse número chegou a 6,1% e em São Paulo-2005, a 6,7%. Em relação ao Ensino Superior, à porcentagem de 33,3% encontrada em Recife correspondem 44,6% no Rio de Janeiro-2004 e 45% em São Paulo-2005.

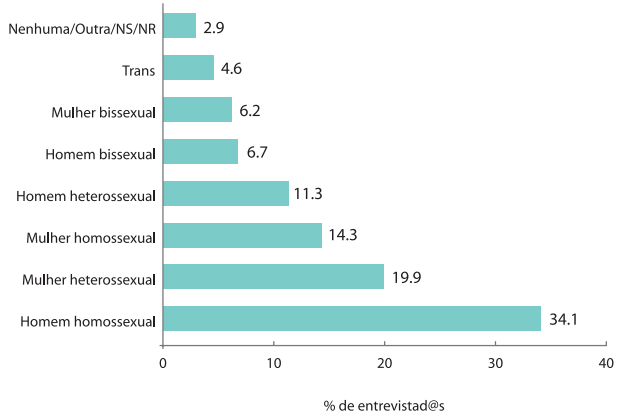
Além das conhecidas disparidades regionais, a escolaridade mais baixa relatada pelos(as) manifestantes de Recife deve também ser compreendida em face do caráter relativamente mais jovem da população que compareceu à Parada. Não por acaso, 48,2% dos(as) respondentes em Recife relataram estar regularmente matriculados(as) em instituições formais de ensino. No Rio de Janeiro-2004, esse número cai para 38,6%, chegando a 32,1% em São Paulo-2005.

▮ GRÁFICO 2 ▮ Sexualidade auto-atribuída



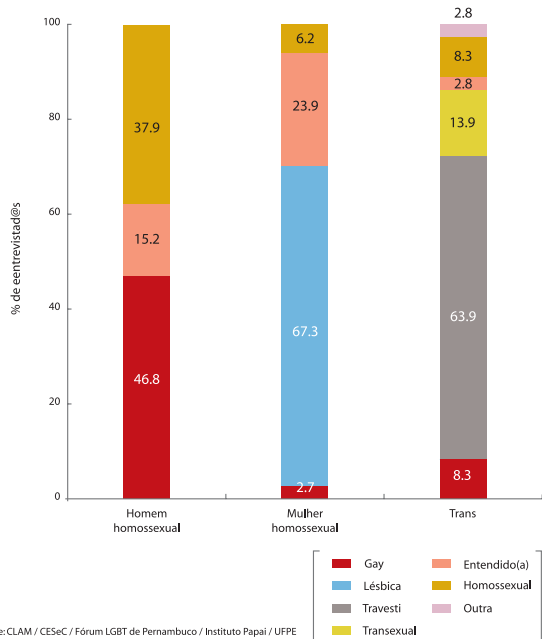
Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE
 Nota: Total de 791 entrevistad@s.

GRÁFICO 3 | Sexualidade agregada



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE
Nota: Total de 789 entrevistad@s

GRÁFICO 4 | Sexualidade auto-atribuída por agregada



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE

I GRÁFICO 2,3 E 4 | COMENTÁRIOS

A maioria dos(as) entrevistados(as) (65,9%) declarou manter algum tipo de identidade não-heterossexual, identificado-se como “gay”, “lésbica”, “travesti”, “bissexual”, “homossexual”, “entendido(a)” ou “transexual”¹². Homens e mulheres heterossexuais somam um terço de todos os respondentes (31,2%), proporção significativamente superior àquela encontrada em pesquisas anteriores (25,9%, em São Paulo-2005 e 18,3% no Rio de Janeiro-2004). Assim como em São Paulo-2005, o número de mulheres heterossexuais na Parada de Recife correspondeu quase ao dobro do número de homens heterossexuais (entre heterossexuais, 63,8% eram mulheres e 36,2% eram homens).

Entre os homens homossexuais, a categoria de auto-identificação preferida foi “gay” (46,8%), número significativamente inferior ao encontrado em São Paulo, em 2005, (61,9%) e no Rio de Janeiro, em 2004 (61,5%). Entre as mulheres homossexuais, a preferência recaiu sobre a categoria “lésbica” (67,3%), apresentando maior consonância com os resultados encontrados em São Paulo-2005 (66,9%) e no Rio de Janeiro-2004 (68,5%). Já entre as trans, predominaram as auto-identificações “travesti” (63,9%) e “transexual” (13,9%).

É importante notar que das 36 trans entrevistadas nenhuma declarou ter sido registrada como mulher ao nascer, significando que em nossa mostra, no que se refere às trans, temos apenas mudanças na direção homem para mulher. Nenhuma trans declarou-se “lésbica”, mas três (8,3%) declararam-se “gays”; três, “homossexuais” (8,3%); e um “entendido(a)”. Ainda em relação às sexualidades auto-atribuídas, como se observa no Gráfico 4, “gay”, “homossexual” e “entendido(a)” são as categorias compartilhadas por homens e mulheres homossexuais e pelas trans, mesmo que em proporções diferentes. Declararam-se “homossexuais” 37,9% dos homens homossexuais, 6,2% das mulheres homossexuais e 8,3% das trans; além dos 46,8% dos homens homossexuais que se disseram “gays”, 8,3% das trans e 2,7% das mulheres homossexuais fizeram o mesmo. Declararam-se “entendidos(as)” 23,9% das mulheres homossexuais, 15,2% dos homens homossexuais e 2,8% das trans.

Ao comparar os resultados de Recife aos das pesquisas anteriores, no que diz respeito às identidades auto-atribuídas, chama a atenção a grande

¹² Entre os(as) entrevistados(as), 13 não responderam, declararam não saber ou não se identificaram com qualquer dessas categorias; 11 pessoas definiram-se em relação à sexualidade como “ativo”, “curiosa”, “homoeerótico”, “indefinido”, “metrossexual”, “simpatizante”, “todas” (três menções) e “transformista” (duas menções).

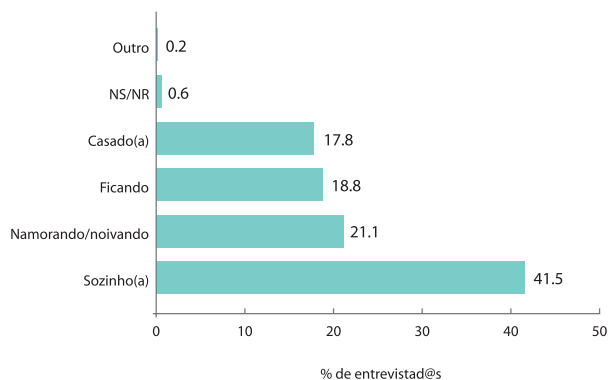
incidência da categoria “entendido(a)”. Se, em São Paulo-2005, 3,2% dos homens homossexuais e 15,1% das mulheres homossexuais disseram-se “entendidos(as)” e, no Rio de Janeiro-2004, 6,4% dos homens homossexuais e 15% das mulheres homossexuais fizeram o mesmo, em Recife esse número sobe para 15,2% entre homens homossexuais e 23,9% entre mulheres homossexuais. Como nas outras cidades, a categoria “entendido(a)” é mais comum entre os(as) de nível de escolaridade menor – 14% dos(as) que tinham Ensino Fundamental declararam-se “entendidos(as)”, enquanto 8,5% dos(as) que tinham Ensino Médio e apenas 6,5% dos que tinham Ensino Superior fizeram o mesmo. Assim, se as pesquisas anteriores já apontavam para uma maior incidência da categoria “entendido(a)” entre mulheres e entre os(as) de menor escolaridade, a pesquisa de Recife, além de confirmar essa tendência, aponta para uma incidência possivelmente maior dessa categoria em Pernambuco.¹³

Ainda em relação às identidades auto-atribuídas, ressaltamos que em Recife a categoria “bissexual” também tende a predominar entre os(as) mais jovens. Seu número cai progressivamente segundo as diferentes faixas etárias, indo de 21,1% entre os(as) que tinham até 18 anos, passando para 11,5% na faixa daqueles(as) entre 22 e 29 anos, para chegar a 5,6% entre os(as) que tinham idades entre 30 e 39 anos. Entre os(as) que tinham menos de 21 anos, 50% disseram-se “bissexuais”. Diferente das pesquisas anteriores, que apontavam um maior número de “bissexuais” entre mulheres, o número de homens e mulheres que se declararam “bissexuais” em Recife se equivale (52% e 48%, respectivamente).

Finalmente, considerando o cruzamento entre identidades agregadas e escolaridade, chama a atenção a situação de exclusão social em que se encontram as trans. Enquanto apenas 8,9% dos homens homossexuais e 14,3% das mulheres homossexuais declararam ter estudado somente até o Ensino Fundamental, 41,7% das trans fizeram o mesmo. Se 33,8% entre os primeiros e 30,4% entre as segundas declararam ter alcançado o Ensino Superior, apenas 8,3% das trans teriam ingressado em algum curso superior.

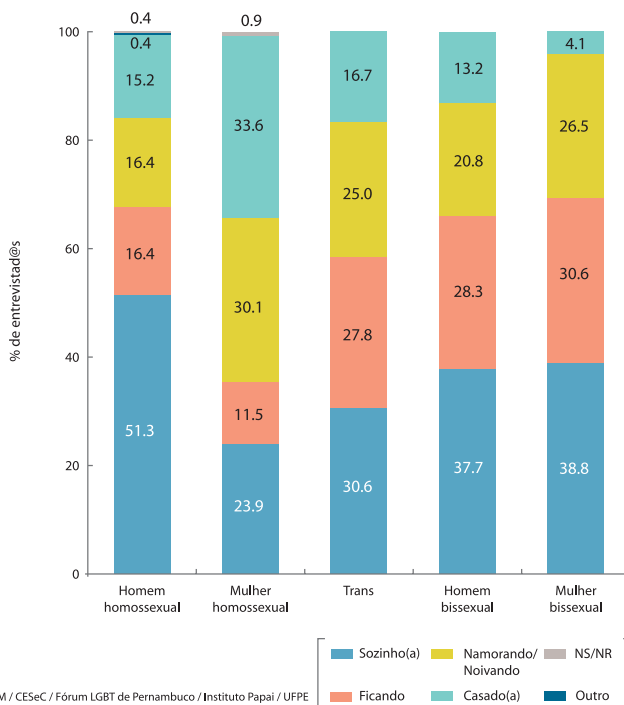
¹³ Durante o exercício do treinamento junto às(aos) entrevistadores(as), houve uma breve discussão sobre auto-identificação. Alguns se disseram então entendidos(as), considerando que este termo seria o mesmo que o termo “simpatizante”, ou seja, que designaria os(as) que “entendem” os problemas enfrentados por gays, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais. Assim, para alguns entrevistadores, *entendido(a)* não é termo para designar indivíduos que mantêm relações sexuais com pessoas do mesmo sexo. Nesse sentido, é importante explorar, em futuras pesquisas de natureza qualitativa, o significado que assumem as diversas categorias de auto-identificação nos variados contextos.

GRÁFICO 5 | Situação amorosa



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE
Nota: Total de 544 entrevistad@s

GRÁFICO 6 | Situação amorosa por sexualidade agregada



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE

I GRÁFICO 5 E 6 | COMENTÁRIOS

Entre os(as) respondentes, 41,5% declararam-se “sozinhos(as)” no momento da entrevista, número equivalente ao encontrado em pesquisas anteriores (44% em São Paulo-2005 e 39,5% no Rio de Janeiro-2004). Em relações amorosas pouco estáveis, “ficando”, encontravam-se 18,8% dos(as) entrevistados(as). Em relações mais estáveis, “casados(as)” ou “namorando”, estariam 38,9% dos(as) respondentes.

Esses números sofrem forte variação segundo as diferentes sexualidades agregadas e outras características sociais dos(as) entrevistados(as). Entre as variações mais notáveis, temos:

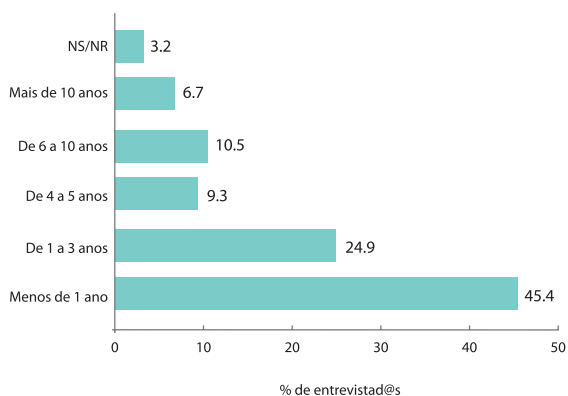
a) Enquanto entre os homens homossexuais 31,6% declararam-se “casados” e “namorando”, este número dobra para mulheres homossexuais, atingindo 63,7% (eram 65,2% em São Paulo-2005, e 59% no Rio de Janeiro-2004). Entre elas, apenas 23,9% estavam “sozinhas”, enquanto, entre eles, esse número sobe para 51,3%. Em relação às trans, ressaltamos que o número das que se disseram “sozinhas” (30,6%) em Recife é significativamente menor do que o encontrado em São Paulo-2005 (55%) e no Rio de Janeiro-2004 (38,2%)

b) Ao acompanhar o resultado de pesquisas anteriores, vemos que o número de “casados(as)” sobe consistentemente segundo as diferentes faixas etárias, indo de 3,3% para os(as) que tinham até 18 anos para 39,7% entre os(as) que tinham 40 anos ou mais. Nessa faixa etária, se somamos o número dos que se declararam “casados(as)” com o daqueles(as) que disseram estar “namorando”, temos que 53,4% estavam, no momento da entrevista, engajados(as) em relações afetivas mais ou menos estáveis.

Embora, no momento da entrevista, a maioria (57,5%) dos(as) entrevistados(as) estivesse morando com familiares, o número daqueles(as) que declararam estar morando com “companheiro(a)” não é insignificante (17,4%), equivalendo grosso modo ao número dos(as) que declararam estar morando sozinhos(as) (18,5%). Mesmo que casamento não seja sinônimo de coabitação (14,6% dos homens homossexuais “casados” moram “sozinhos”, por exemplo), ressaltamos que o número dos que “moram com companheiro(a)” (17,4%) equivale ao número dos que se declararam “casados” (17,8%).

Entre os(as) que se declararam sem qualquer relação afetiva no momento da entrevista, a maioria mora com familiares, salvo as trans. Assim, se 81,5% das mulheres homossexuais “sozinhas” disseram morar com familiares, apenas 36,4% das trans afirmaram o mesmo. As trans foram as que mais freqüentemente afirmaram morar sozinhas (50%), em contraste com homens homossexuais (19,8%) e mulheres homossexuais (13,3%).

GRÁFICO 7 | Tempo de relação



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE
Nota: Total de 313 entrevistad@s

GRÁFICO 7 | COMENTÁRIO

Em sua maioria, as relações amorosas mantidas pelos(as) respondentes eram recentes (70,3% delas tinham menos de três anos, sendo que 45,4% tinham menos de um ano). Este resultado não causa surpresa, dado o perfil jovem da população pesquisada. Embora menor, o número de relações mais longas (mais de seis anos de duração) é significativo (17,2%). O tempo de duração destes relacionamentos sofre forte variação segundo as diferentes faixas etárias, tendendo a se estender nas faixas etárias superiores. Assim, enquanto 64,9% dos vínculos de menos de um ano estão concentrados entre jovens de até 21 anos, mais de um terço dos(as) respondentes (36,8%) além dos 30 anos relatou estar em relações que já duravam mais de seis anos. Entre aqueles(as) que tinham mais de 40 anos no momento da entrevista e mantinham relações mais ou menos estáveis (“namorando” ou “casados”), 50% relataram vínculos de mais de seis anos e 27,1% declararam estar engajados em relações que já duravam mais de dez anos.

GRÁFICO 8 | Sexualidade agregada por sexo do parceiro

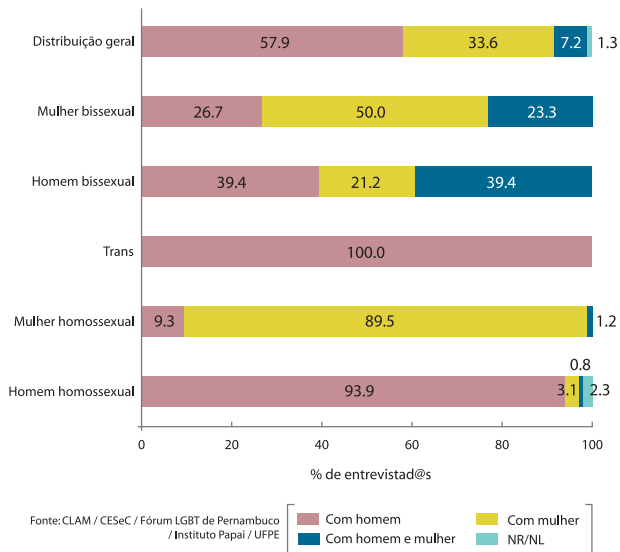
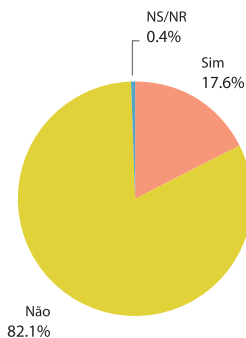


GRÁFICO 8 | COMENTÁRIO

As(os) respondentes que declararam estar “ficando”, “namorando” e “casados” foi também perguntado se estas relações aconteciam com pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto. Os resultados mostram claramente que atribuir a si mesmo uma identidade não-heterossexual não significa em todos os casos a manutenção de relações sexuais apenas com pessoas do mesmo sexo. Assim, entre os homens homossexuais, ou seja, entre aqueles que se disseram “gays”, “entendidos” ou “homossexuais”, 3,1% declararam estar mantendo relações com mulheres no momento da entrevista. Entre as mulheres homossexuais, ou seja, entre aquelas que se declararam “lésbicas”, “entendidas”, “homossexuais” ou “gays”, 9,3% estavam naquele momento relacionando-se com homens.

GRÁFICO 9 | Filhos

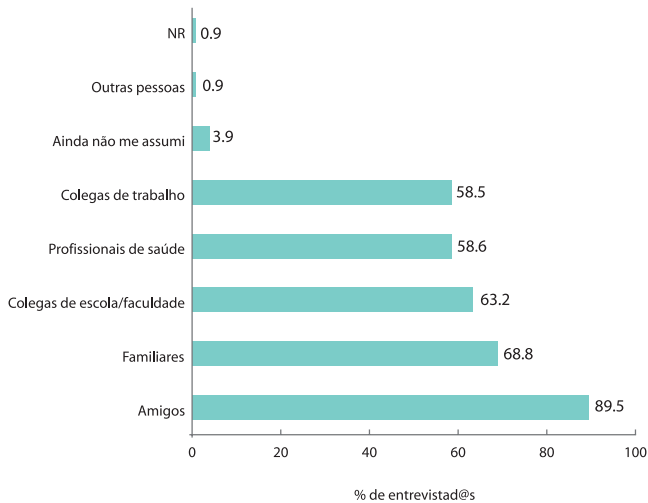


Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE
 Nota: Total de 541 entrevistad@s

GRÁFICO 9 | COMENTÁRIO

A grande maioria dos(as) nossos(as) entrevistados(as), 82,1%, declarou não ter filhos. Dos(as) 17,6% que os têm, 40% são mulheres, 51,5% têm mais de 30 anos e 71% têm até o Ensino Médio completo. É importante ressaltar que a presença de filhos cresce consistentemente segundo as diferentes faixas etárias, sendo que 20,7% dos(as) que tinham de 30 a 39 anos declararam possuí-los e 35,6% dos(as) que tinham mais de 40 anos disseram o mesmo. Diferente do resultado da pesquisa de São Paulo-2005 – na qual as mulheres homossexuais formaram o grupo que mais declarou ter filhos – em Recife, os homens bissexuais ocuparam esta posição: 30,2% deles têm filhos, contra 23,2% das mulheres homossexuais. A maioria dos filhos, independente da sexualidade dos pais, da faixa etária ou da escolaridade, era oriunda de um relacionamento heterossexual anterior (70 casos). Em menor escala, os filhos foram fruto de uma relação sexual eventual ou de uma “produção independente” (12 casos).

GRÁFICO 10 | Para quem já se assumiu (múltiplas respostas)



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE
Nota: Total de 544 entrevistad@s

GRÁFICO 10 | COMENTÁRIO

De um modo geral, a população entrevistada em Recife declarou ter “assumido” sua sexualidade em diversas esferas de sua vida social. “Amigos” é o grupo para o qual 89,5% dos(as) nossos(as) entrevistados(as) relataram sua orientação sexual ou de gênero, seguido pelos “familiares” (68,8%), “colegas de escola ou faculdade” (63,2%), “profissionais de saúde” (58,6%) e “colegas de trabalho” (58,5%). Embora aqueles(as) que não “assumiram” sua sexualidade em nenhuma esfera de sociabilidade façam parte de uma minoria (3,9%), este percentual é um pouco maior do que o encontrado em São Paulo-2005 (2,2%). Quando comparados aos resultados obtidos no Rio de Janeiro-2004 e em São Paulo-2005, os dados de Recife apontam para uma maior invisibilidade em todas as esferas de sociabilidade pesquisadas. Nesse sentido, enquanto o número daqueles(as) que se “assumiram” para familiares nestas outras cidades foi de 78% e 75,9%, respectivamente, em Recife a porcentagem cai para 68,8%. Lembramos que tal grau de visibilidade dificilmente poderia ser generalizado para a população GLBT como um todo, uma vez que os(as) que comparecem à Parada apresentam significativo grau de politização.

Os dados relativos à visibilidade variam significativamente quando analisados de acordo com a faixa etária e a identidade sexual agregada de nossos participantes. Os(as) bissexuais compõem o grupo dos que menos se assumiram: 9,4% deles e 10,2% delas afirmaram ainda não terem revelado sua sexualidade em nenhuma das esferas de sociabilidade. As trans são as que declararam em maiores proporções já terem se “assumido”: 94,4% para familiares; 97,2% para amigos; 83,3% para colegas de trabalho; 77,8% para colegas de escola/faculdade e 83,3% para profissionais de saúde. Em relação à faixa etária, é significativa a porcentagem dos(as) acima dos 40 anos que afirmaram ainda não terem se “assumido” em nenhuma esfera de sociabilidade (5,5%).

GRÁFICO 11 | Religião em que foi criado(a) e a que freqüenta (múltiplas respostas)

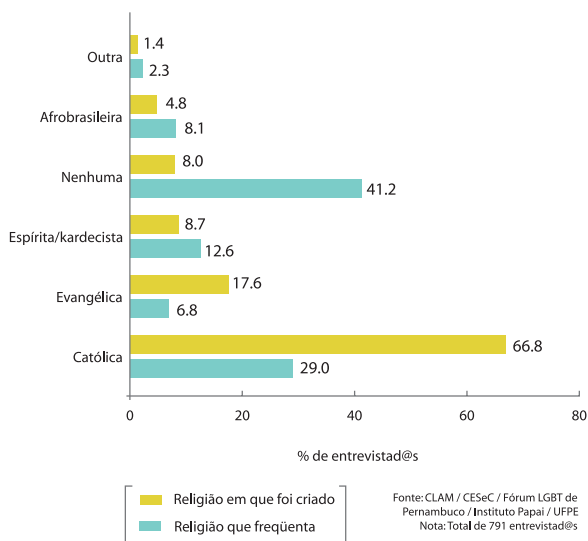


GRÁFICO 11 | COMENTÁRIO

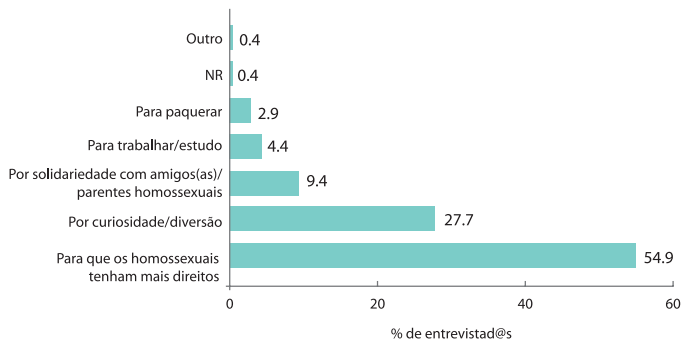
No que se refere à freqüência a algum tipo de culto religioso, nossos dados diferem marcadamente daqueles relativos à população brasileira forneci-

dos pelo IBGE. No Censo-2000, apenas 13,3% dos(as) moradores(as) de Recife disseram não freqüentar nenhuma religião, enquanto, 41,2% dos(as) participantes de nossa amostra declararam o mesmo. Essa porcentagem é bastante consistente com as anteriormente encontradas em São Paulo-2005 e no Rio de Janeiro-2004, onde 40,8% e 43,1%, respectivamente, declararam não freqüentar nenhum tipo de religião ou de culto religioso. Entre os(as) que declararam pertencer a alguma religião, predominam os(as) católicos(as) (29%), embora em número bastante inferior ao estimado para a população da cidade, na qual, segundo o Censo-2000, 64,4% afirmaram-se católicos(as).

Confirmando os resultados encontrados em outras capitais pesquisadas, enquanto a porcentagem dos(as) que foram criados(as) em religiões cristãs é muito superior àquela dos(as) que continuam a freqüentá-las, as proporções invertem-se no caso das religiões espírita/kardecismo e afro-brasileira. Assim, se 66,8% foram criados no catolicismo e 17,6% em diferentes denominações evangélicas, 29% e 6,8% freqüentavam tais religiões, respectivamente. Por outro lado, se 4,8% declararam ter sido criados(as) em cultos afro-brasileiros e 8,7% no espiritismo kardecista, 8,1% e 12,6% declararam freqüentar tais religiões no momento da entrevista.

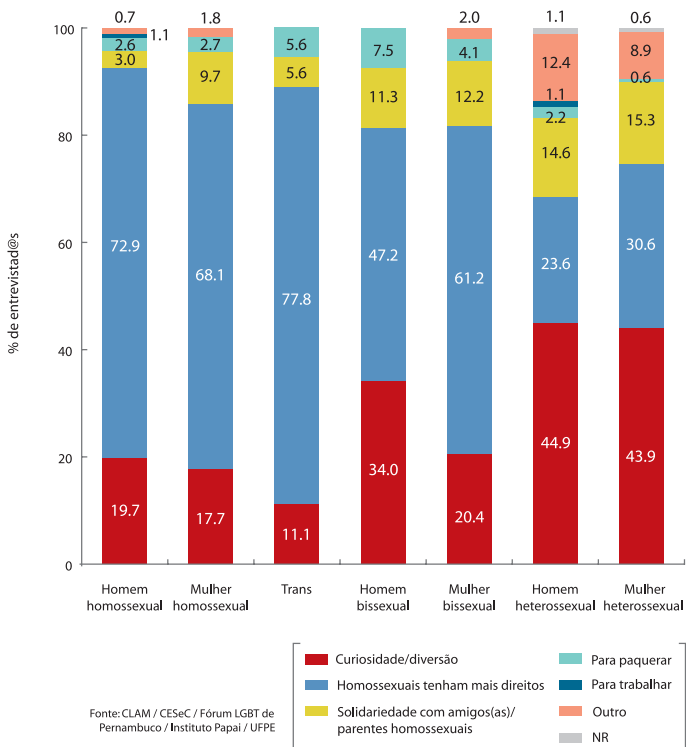
Embora o percentual de homens e mulheres heterossexuais que declararam não freqüentar nenhuma religião não se diferencie muito quando comparado ao da população GLBT entrevistada, é importante ressaltar que, no caso das religiões cristãs, especialmente a evangélica, a queda entre os(as) que declararam ter sido criados(as) nessas religiões e os(as) que continuavam a freqüentá-las é bastante mais acentuada entre não-heterossexuais. Assim, se entre heterossexuais 12,3% disseram ter sido criados(as) na religião evangélica e 7,3% afirmaram freqüentar algum tipo de denominação (queda de 5 pontos percentuais), na população GLBT a diferença entre os(as) que foram criados(as) na religião evangélica (20,2%) e os(as) que a freqüentam (6,7%) é quase três vezes superior (13,5 pontos percentuais). Muito provavelmente a condenação à homossexualidade que caracteriza as religiões cristãs tem, de um modo geral, peso importante para essas trajetórias diferenciadas.

GRÁFICO 12 | Motivo de comparecimento



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE
Nota: Total de 791 entrevistad@s

GRÁFICO 13 | Motivo de comparecimento por sexualidade agregada



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE

I GRÁFICO 12 E 13 | COMENTÁRIOS

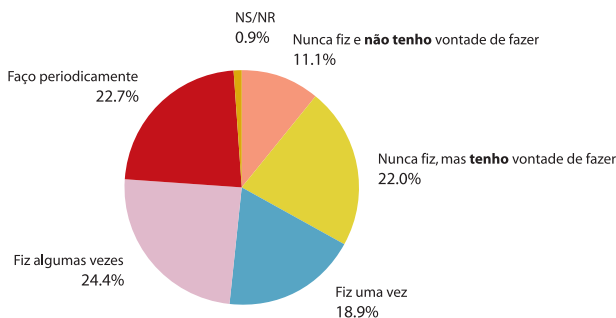
Em sua maioria (54,9%), os(as) participantes da pesquisa responderam que a principal razão para o comparecimento à 5ª Parada da Diversidade foi “para que os homossexuais tenham mais direitos”. Somando-se esse percentual ao dos que disseram estar ali por “solidariedade com amigos e parentes homossexuais” (9,4%), temos quase dois terços dos entrevistados comparecendo ao evento por razões de ordem política, ou seja, por terem algum tipo de engajamento com a questão. Razões de ordem lúdica foram também significativas: 27,7% dos(as) participantes afirmaram ter ido “por curiosidade ou diversão” e 2,9% “para paquerar”. Chama a atenção o percentual de entrevistados(as) (4,4%) que compareceram ao evento por razões de trabalho ou estudo. Isso aponta para o fato de que, além de seu aspecto político e lúdico, as paradas de orgulho GLBT começam a se constituir em espaço significativo do ponto de vista do mercado e da academia.

O motivo principal de comparecimento à Parada varia segundo as diferentes identidades sexuais agregadas. Enquanto 44,9% dos homens heterossexuais e 43,9% das mulheres heterossexuais disseram estar na Parada “por curiosidade ou diversão”, apenas 19,7% dos homens homossexuais e 17,7% das mulheres homossexuais alegaram estar ali pela mesma causa. Razões de ordem política predominaram claramente entre a população GLBT presente ao evento. Entre as trans, 77,8% afirmaram estar ali “para que os homossexuais tenham mais direitos” no país, sendo seguidas pelos homens homossexuais (72,9%) e pelas mulheres homossexuais (68,1%). Os homens bissexuais formam o grupo que declarou com maior frequência comparecer ao evento para “paquerar” (7,5%).

Percebe-se também que enquanto motivações de ordem política tendem a ser mais freqüentes nas faixas etárias superiores e entre os(as) mais escolarizados, motivações de ordem lúdica são mais freqüentes entre os mais jovens e os menos escolarizados. Assim, se 48,7% dos(as) respondentes com até 18 anos de idade disseram ter comparecido à manifestação por razões lúdicas (“por curiosidade ou diversão” e “para paquerar”), a porcentagem dos(as) que estavam na Parada pelas mesmas razões cai sistematicamente nas faixas etárias superiores: 37,7%, na faixa entre 19 e 21 anos; 27,3%, na faixa entre 22 e 29 anos; 20,2%, na faixa entre 30 a 39 anos; atingindo 18,8%, entre os(as) de mais de 40 anos. Motivos lúdicos para comparecer ao evento descrevem a mesma trajetória quando consideramos a escolaridade.

Enquanto 34,4% dos(as) que tinham até o Ensino Fundamental afirmaram comparecer à Parada “por curiosidade e diversão” e “para paquerar”; 33,2% daqueles(as) que haviam cursado até o Ensino Médio e apenas 26,6% dos que fizeram até o Ensino Superior declararam o mesmo.

GRÁFICO 14 | Teste anti-HIV

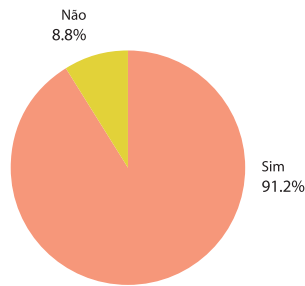


Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE
 Nota: Total de 541 entrevistad@s

GRÁFICO 14 | COMENTÁRIO

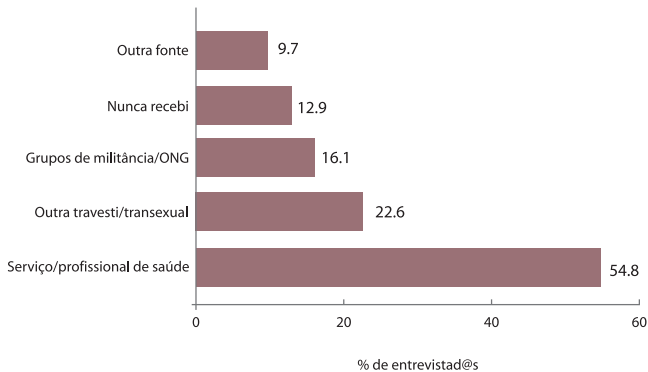
Um número significativo de entrevistados(as) já tinha realizado o exame para detecção do HIV ao menos uma vez (66%). Um terço dos(as) entrevistados(as) (33,1%) nunca fizeram o teste, 22% têm vontade de fazer o exame, enquanto 11,1% não pretendem realizá-lo. A proporção de pessoas que não fez o teste é bem maior entre as mulheres (49,7%) do que entre os homens (25,4%). Em relação às identidades agregadas dos(as) entrevistados(as), as trans compõem o grupo que mais realiza o exame periodicamente, 41,7%, em contraste com 26,4% dos homens bissexuais, 25,4% dos homens homossexuais, 16,2% das mulheres homossexuais e 8,2% das mulheres bissexuais. Além disso, o número de pessoas que se submete ao exame periodicamente aumenta conforme sobe a faixa etária dos(as) respondentes.

GRÁFICO 15 | Uso de hormônios ou silicone (somente trans)



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE
 Nota: Total de 34 entrevistad@s

GRÁFICO 16 | Orientações sobre cuidados no uso de silicone ou hormônio (somente trans/múltiplas respostas)



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE
 Nota: Total de 31 entrevistad@s que usam ou já usaram silicone

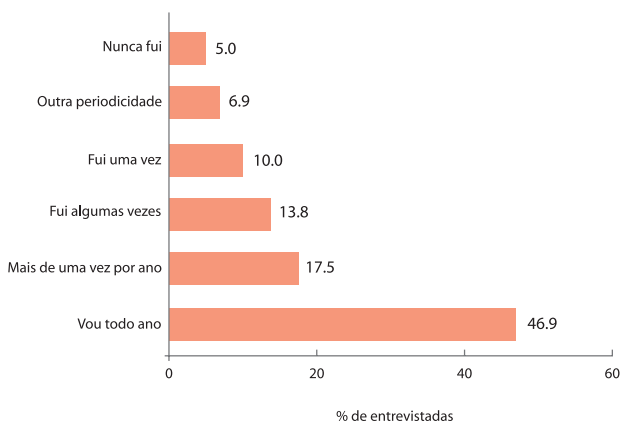
GRÁFICO 15 E 16 | COMENTÁRIOS

Como vimos, nesta pesquisa consideramos como trans as respondentes que se auto-identificaram como “travestis” ou “transexuais” ou que declararam usar ou terem usado silicone ou hormônios, mesmo que tenham definido sua sexualidade segundo outras categorias. Esta opção nos permitiu identificar oito respondentes que, apesar de declararem terem usado hormônios ou silicone, preferiram identificar-se como “gays” (três casos), “homosse-

xuais” (três casos), “entendido(a)” (um caso) e “outra” (um caso). Como observamos no gráfico acima, do total de 34 trans é alta a porcentagem daquelas que fazem ou fizeram uso de hormônios ou silicone (91,2%).

As trans que nunca receberam orientações sobre o uso de hormônios ou silicone compõem um grupo relativamente pequeno (12,9%), inclusive quando comparado ao resultado de São Paulo-2005 (15%). Podemos considerar alto o número de entrevistadas que recebeu orientações de “serviços ou profissionais de saúde”: 54,8% em Recife, e 58,3% em São Paulo-2005. “Outras travestis ou transexuais” foram mencionadas como fonte de informação em 22,6% dos casos e os “grupos de militância”, em apenas 16,1%.

GRÁFICO 17 | Freqüência ao ginecologista
(somente para mulheres homossexuais e bissexuais)



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE
Nota: Total de 160 entrevistadas

GRÁFICO 17 | COMENTÁRIO

Das 160 mulheres homossexuais e bissexuais que responderam a esta questão, 64,4% afirmaram realizar consultas ginecológicas ao menos uma vez por ano, percentual ligeiramente inferior ao encontrado em São Paulo (69,1%). Nossos resultados não apresentam diferenças entre mulheres homossexuais e bissexuais no que se refere a este tema, mas sofrem forte variação segundo as faixas etárias. Das oito mulheres que nunca foram ao ginecologista, todas tinham menos de 21 anos.

GRÁFICO 18 | Associativismo e participação em movimentos sociais (múltiplas respostas)

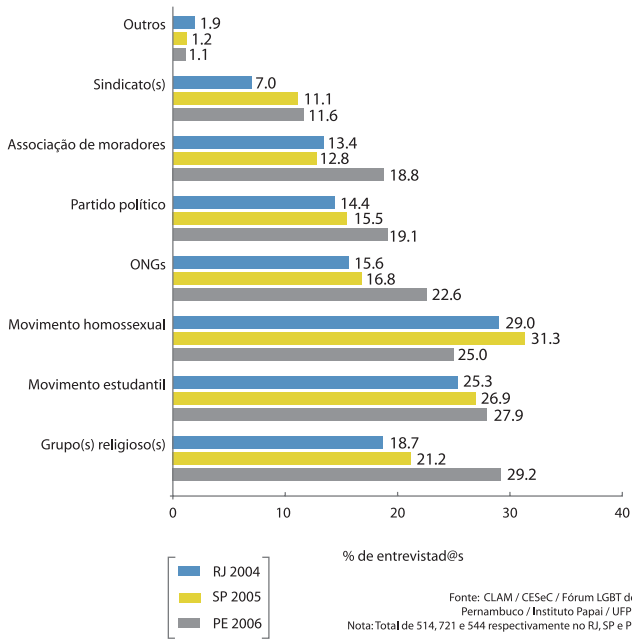
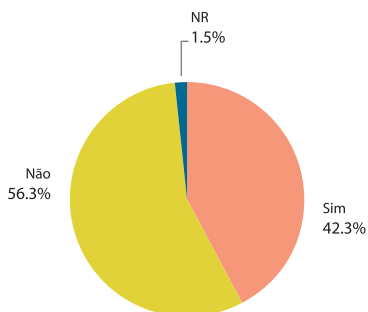


GRÁFICO 18 | COMENTÁRIO

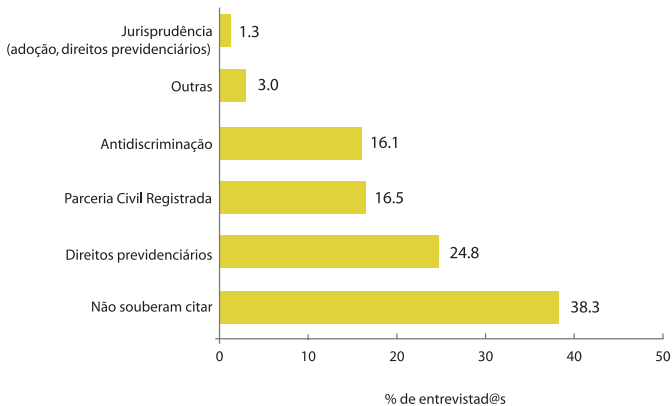
A tradição associativa de Pernambuco e, em particular, a do Recife, tida entre ativistas de organizações governamentais do Brasil como uma das mais fortes do país, foi confirmada na pesquisa. Nossos(as) entrevistados(as) afirmaram ter participação igual ou maior do que os(as) das pesquisas de São Paulo-2005 e Rio de Janeiro-2004 em sindicatos, partidos políticos, ONGs, movimento estudantil, grupos religiosos e associações de moradores. A única exceção ocorreu na participação no movimento homossexual, que se apresentou inferior em Recife (25%) comparativamente ao Rio de Janeiro-2004 (29%) e São Paulo-2005 (31,3%).

GRÁFICO 19 | Conhecimento de Lei ou de projetos de lei em Pernambuco ou no Brasil que beneficiem gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE
 Nota: Total de 544 entrevistad@s

GRÁFICO 20 | Leis ou projetos de leis mencionados pelos participantes



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE
 Nota: Total de 230 entrevistad@s mencionaram conhecer alguma lei ou projeto de lei

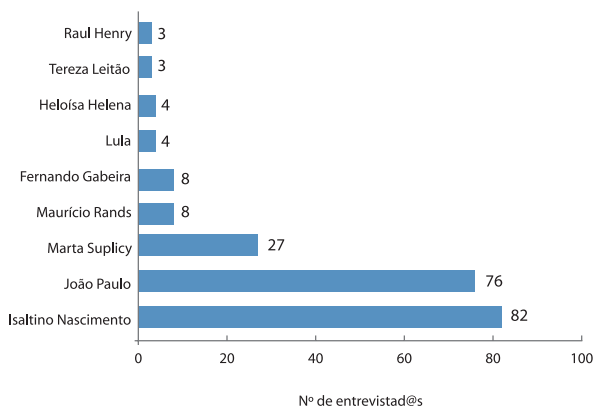
GRÁFICO 19 E 20 | COMENTÁRIOS

A maioria de nossos(as) entrevistados(as) (56,3%) declarou não conhecer nenhuma lei ou projeto de lei que beneficie gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. Dentre aqueles(as) que inicialmente declararam conhecê-las, mais de um terço não conseguiu citá-las (38,3%). Outros(as),

no entanto, mencionaram precisamente o número da lei ou do projeto, seu nível de abrangência (municipal, estadual ou federal) ou o assunto da mesma: “a que permite mostrar sua afetividade em público”, por exemplo. Além disso, foi expressivo o número de participantes que se referiu às leis através de seus autores, como “lei do João Paulo”, ou “do Isaltino”.

Diferente da pesquisa realizada em São Paulo-2005, em que 40,4% dos(as) respondentes citaram o Projeto de Parceria Civil Registrada, em Recife, apenas 16,5% das respostas o mencionaram. De fato, as leis que asseguram os direitos de pensão em caso de morte do companheiro foram as mais citadas pelos(as) respondentes (24,8%). Muitas dessas menções, no entanto, referiam-se especificamente à lei municipal (16.730/2001), ou simplesmente à “lei do João Paulo”, o então prefeito da cidade. Podemos atribuir a popularidade desta lei tanto ao seu papel fundamental na garantia de direitos à população GLBT, quanto ao seu pioneirismo: em outros estados as pensões a companheiros do mesmo sexo vêm sendo concedidas através de demandas judiciais, não tendo a força de uma lei. As leis antidiscriminação foram citadas por 16,1% dos(as) respondentes, com grande destaque para aquelas aprovadas na cidade de Recife, como as leis 16.780/02 e 17.025/04. O ex-vereador e atual deputado Isaltino Nascimento (PT) recebeu menções nominais em relação à autoria da lei 16.780/02.

GRÁFICO 21 | Políticos mais lembrados que apóiam a causa GLBT em Pernambuco ou no Brasil (múltiplas respostas)



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papani / UFPE
Nota: Total de 306 entrevistad@s mencionaram existir algum político

GRÁFICO 21 | COMENTÁRIO

Coerentemente, os políticos mais citados como sensíveis à causa GLBT no estado ou no país foram aqueles que propuseram as leis mencionadas por nossos(as) entrevistados(as). Sendo assim, os políticos Isaltino Nascimento (PT) e João Paulo (PT) foram os mais lembrados em nossa pesquisa, com 82 e 76 menções, respectivamente. Este dado nos permite observar que a população entrevistada em Recife tende a privilegiar os políticos locais, assim como as leis e os projetos de lei apresentados na cidade ou na região, em detrimento de outros mais gerais. A atual ministra do turismo, Marta Suplicy (PT), a mais citada pelos(as) entrevistados(as) no Rio de Janeiro-2004, aparece em terceiro lugar (27 menções) na pesquisa de Recife.

GRÁFICO 22 | Opinião sobre o projeto de Parceria Civil por sexualidade agregada

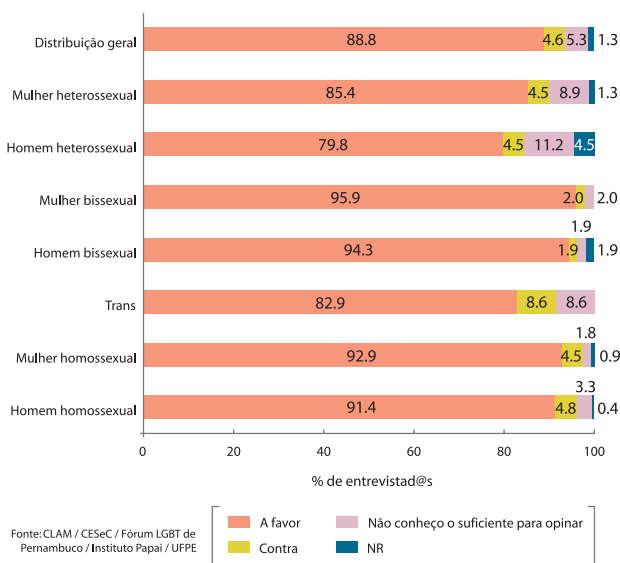


GRÁFICO 22 | COMENTÁRIO

O projeto que propõe o reconhecimento legal das relações entre pessoas do mesmo sexo tramita no Brasil desde 1995, quando sua primeira versão foi apresentada ao Congresso pela então deputada Marta Suplicy. A partir de 2001, o projeto ganhou uma nova redação pelo deputado Roberto

Jefferson e passou a se chamar Projeto de Parceria Civil Registrada (PCR). Quando instados a dar sua opinião acerca do “Projeto de Lei de Parceria Civil”, a grande maioria (88,8%) dos(as) respondentes, incluindo-se aqui os(as) heterossexuais, mostrou-se favorável a ele, enquanto 4,6% se posicionaram contra e 5,3% declararam não conhecê-lo o suficiente para opinar. Os resultados acumulados ao longo de nossos surveys realizados no Brasil nos permitem afirmar que a parceria civil é um tema de grande aceitação não apenas entre a população GLBT, mas entre homens e mulheres heterossexuais. Em Recife, foram as mulheres bissexuais que mais se mostraram favoráveis ao projeto (95,9%), seguidas pelos homens bissexuais (94,3%) e pelas mulheres homossexuais (92,9%). Neste sentido, as justificativas favoráveis ao projeto ressaltaram a igualdade de direitos em 77% dos casos (“os direitos devem ser iguais para todos”). Justificativas de outra natureza foram também acionadas, ressaltando a possibilidade de divisão patrimonial justa em casos de separação ou morte de um dos cônjuges (6,7%); a garantia por parte do Estado de um projeto de realização pessoal (6,7%); ou ainda o fato de o reconhecimento legal dessas uniões ser uma estratégia de visibilidade que reduziria o preconceito (2,2%). A minoria dos(as) participantes que se declararam contrários(as) ao projeto (4,6%) tende a afirmar que “casamento no papel não é importante” (seis respondentes) ou que o “casamento entre duas pessoas do mesmo sexo vai de encontro aos princípios morais”, segundo 21 entrevistados(as). Outros oito respondentes, embora contrários ao projeto, não souberam explicar suas razões. Vale ressaltar que o grupo em que mais respondentes declararam discordar do projeto foi o das trans: 8,6% disseram-se contra, seguidas por 4,8% entre homens homossexuais. Os homens heterossexuais manifestaram-se contrariamente ao projeto na mesma medida em que as mulheres heterossexuais o fizeram (4,5%).

GRÁFICO 23 | Opinião sobre gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros terem/criarem filhos por sexualidade agregada

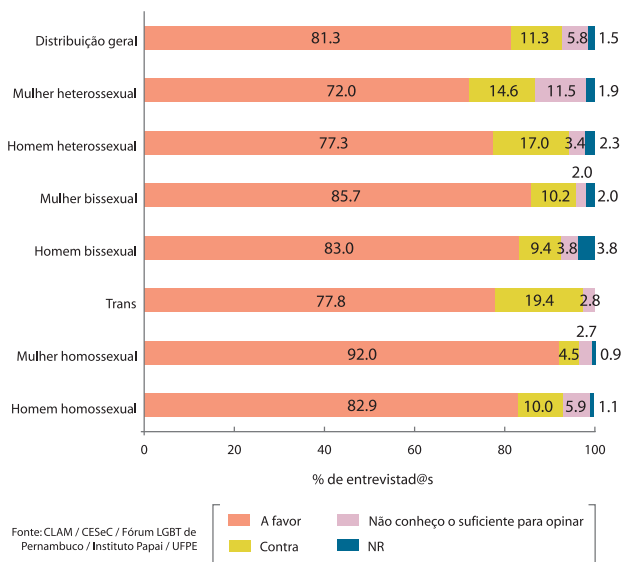


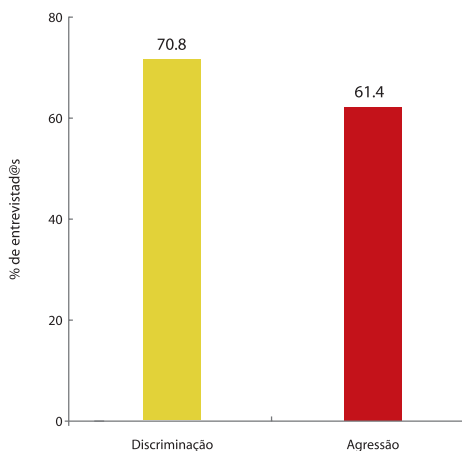
GRÁFICO 23 | COMENTÁRIO

O cenário dos(as) respondentes que se manifestaram a favor de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros terem ou criarem filhos é um pouco diferente. Se comparado às respostas sobre o projeto de parceria civil, o número de pessoas favoráveis à adoção/criação de filhos por GLBTs é sensivelmente menor: cerca de 81,3% das pessoas que responderam à pesquisa em Recife declararam-se favoráveis e 11,3% disseram-se contrárias. As trans, seguidas pelos homens heterossexuais e pelas mulheres heterossexuais, são as que apresentam percentuais mais altos de discordância, respectivamente 19,4%, 17% e 14,6%. As mulheres homossexuais compõem o grupo mais favorável à adoção/criação, atingindo 92% de aceitação. O tema dos direitos continua sendo acionado em grande medida pelos que concordaram, sendo utilizado por 35% dos(as) respondentes. Além destes, quase 40% dos entrevistados(as) justificaram sua concordância afirmando que a sexualidade dos pais não interfere na criação dos filhos e 6,9% afirmam que a adoção pode contribuir para a retirada de crianças da rua. Dentre os que se manifestaram contrariamente à

adoção/criação de filhos por GLBTs, a justificativa mais alegada foi a de que “filhos precisam de pai e mãe”, por 34 respondentes. “Os filhos terão estrutura mental confusa” foi a resposta dada por 18 pessoas. Quase o mesmo número (17) não soube precisar o motivo de sua discordância.

Por último, se compararmos os dados obtidos na pesquisa de Recife sobre as opiniões a respeito de parceria civil e adoção/criação de filhos com aqueles referentes a São Paulo-2005, perceberemos que, embora São Paulo apresente percentuais favoráveis um pouco superiores (93,1% e 85,1%, respectivamente), ainda é marcante a diferença numérica entre as pessoas que apóiam o projeto de lei sobre parceria civil e aquelas que são também favoráveis à adoção ou à criação de filhos. Ao que parece, não por acaso, o substitutivo apresentado pelo deputado Roberto Jefferson veta a possibilidade de adoção em conjunto pelos parceiros. Apesar de a primeira versão do projeto de lei não abordar este tema, a segunda deixa claro o impedimento: “São vedadas quaisquer disposições sobre adoção, tutela ou guarda de crianças ou adolescentes em conjunto, mesmo que sejam filhos de um dos parceiros.”¹⁴

GRÁFICO 24 | Incidência de discriminação e de agressão (pelo menos uma experiência)



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UPPE
Nota: Total de 385 discriminados e 334 agredidos

¹⁴ Substitutivo apresentado pelo deputado Roberto Jefferson ao Projeto de União Civil entre Pessoas do Mesmo Sexo, artigo terceiro, parágrafo segundo.

I GRÁFICO 24 | COMENTÁRIO

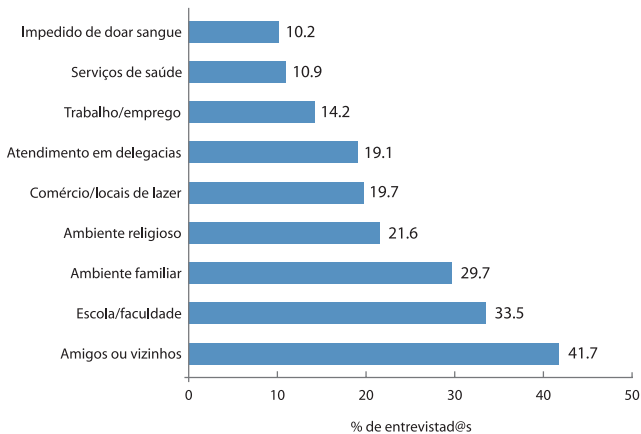
Uma proporção muito elevada, 70,8% das pessoas entrevistadas, respondeu que já tinha sido vítima, devido à sexualidade, de pelo menos uma das nove discriminações listadas. Perguntamos sobre experiências de discriminação nas seguintes situações: ambiente de trabalho; em locais de comércio e lazer; em serviços de saúde; na escola ou na faculdade; por amigos ou vizinhos; no ambiente familiar; no ambiente religioso; ao doar sangue; em delegacias ou por policiais. O fato de dois terços do conjunto de entrevistados(as) terem respondido positivamente indica a existência de um grau muito alto de vitimização e confirma os níveis encontrados nas pesquisas anteriores (por exemplo, 64,8% no Rio de Janeiro-2004 e 72,1% em São Paulo-2005).

Os eventos ainda mais graves ou mais explícitos motivados pela sexualidade dos(as) respondentes, classificados como agressões (violências físicas; violências sexuais; chantagens ou extorsões; ameaças ou agressões verbais; “Boa Noite Cinderela”¹⁵) também atingiram um patamar muito alto. Entre todos os(as) respondentes, 61,4% relataram ter sofrido uma ou mais dessas cinco experiências de agressão. Comparativamente com outras cidades, o resultado é bastante consistente: no Rio de Janeiro-2004, 63,7% dos(as) entrevistados(as) declararam ter sofrido algum tipo de agressão, subindo este número para 65,7% em São Paulo-2005.¹⁶

¹⁵ O crime consiste na sedação da vítima com soníferos e outras substâncias narcóticas com o objetivo de roubar dinheiro e bens.

¹⁶ Deve ser mencionado que o survey na Parada do Orgulho de São Paulo, em 2005, contou com uma presença maior de trans, o que contribuiu para elevar as médias das agressões e das discriminações no conjunto da amostra, por ser este segmento vítima preferencial da maioria das agressões e das discriminações, como veremos adiante.

GRÁFICO 25 | Modalidades de discriminação (múltiplas respostas)



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE
Nota: Total de 544 entrevistad@s

GRÁFICO 25 | COMENTÁRIO

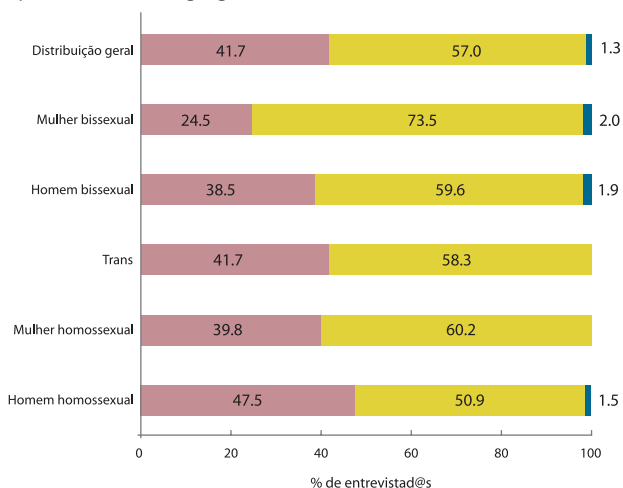
Destacadamente, a modalidade de discriminação mais freqüente ocorre em situações de exclusão ou marginalização entre amigos e vizinhos (41,7%). Em seguida, vêm as situações de exclusão ou marginalização no ambiente da escola ou da faculdade (33,5%). No ambiente familiar, os(as) entrevistados(as) relataram discriminações em 29,7% dos casos. Estes três tipos de experiência, relatadas por um terço ou mais da amostra, têm em comum o fato de acontecerem em contextos de intimidade (famílias, amigos) ou entre pessoas que se conhecem (vizinhos e colegas ou professores).

As experiências de exclusão ou marginalização em ambiente religioso foram relatadas por 21,6% dos(as) entrevistados(as), ficando em quarto lugar entre as nove modalidades. Em seguida vêm as de mau atendimento em locais de comércio ou lazer (19,7%) e de mau atendimento em delegacias ou por policiais (19,1%). Ter sido demitido do emprego ou não ter sido selecionado em razão da sexualidade foi uma situação relatada por 14,2% dos(as) entrevistados(as). Por último, vêm as experiências de discriminação nos serviços de saúde (10,9%) ou no momento de doação de sangue (10,2%).

A distribuição por modalidade de discriminação em Recife acompanha consistentemente a verificada em pesquisas anteriores, indicando que as

discriminações mais freqüentes (ou talvez as mais lembradas ou mais facilmente percebidas) ocorrem em contextos de intimidade ou de proximidade. Esta questão reflete um quadro distinto daquele que o senso comum normalmente identifica como “homofobia”, no qual quem discrimina e quem é discriminado estão em relações de oposição ou distanciamento. Embora todas as experiências de marginalização ou exclusão possam ser vividas como traumáticas, o fato de que a maioria das vítimas se relaciona com os vitimadores em contexto de extrema proximidade torna essas dinâmicas, e suas possíveis soluções, mais complexas. É o que indicaremos nas análises detalhadas sobre as especificidades de cada uma delas.

GRÁFICO 26 | Discriminação por grupo de amigos ou vizinhos por sexualidade agregada



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papi / UFPE [Sim Não NR/NL]

GRÁFICO 26 | COMENTÁRIO

Quando cruzamos a ocorrência de ter sido excluído ou marginalizado no grupo de amigos ou vizinhos com variáveis importantes como idade, nível de instrução e cor ou raça, verificamos que esse tipo de experiência de discriminação tem um caráter universalista, isto é, além de ser o mais freqüente no universo GLBT (41,7%), independe de geração, nível educacional ou cor. Quando cruzamos esse resultado com as identidades agre-

gadas, encontramos variações expressivas apenas entre mulheres bissexuais, que relataram esse tipo de experiência em menor número (24,5%). Homens homossexuais (47,5%), trans (41,7%) ou mulheres homossexuais (39,8%) mantêm-se próximos ou acima da média. Como ocorrem no círculo de amigos ou vizinhos, podemos supor também que essas dinâmicas tendem a acontecer mais freqüentemente entre iguais, seja do ponto de vista da idade ou da classe social.

GRÁFICO 27 | Discriminação por professores ou colegas, na escola ou na faculdade, por sexualidade agregada

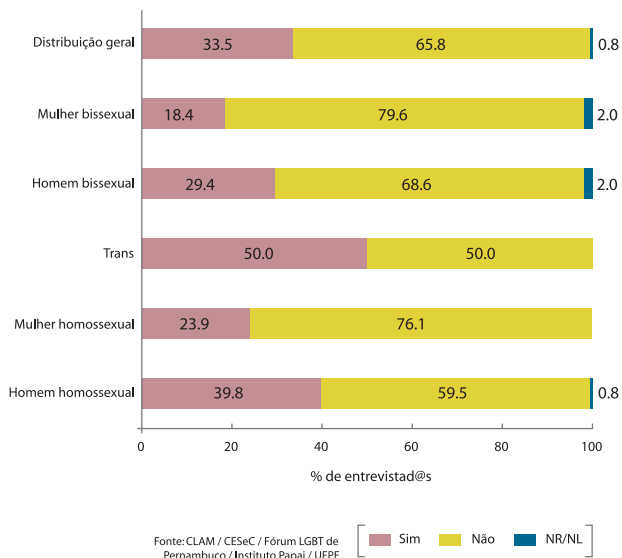


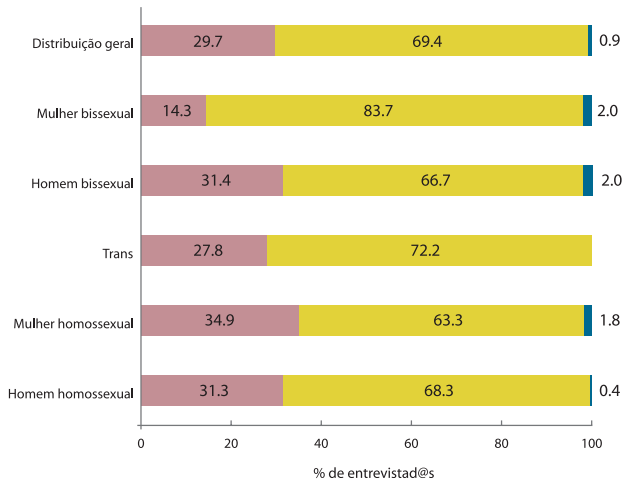
GRÁFICO 27 | COMENTÁRIO

Ter sido marginalizado ou excluído no ambiente escolar por colegas ou professores devido à sexualidade é a discriminação registrada por nada menos que 33,5% dos respondentes, isto é, por mais de um terço da amostra. Esta proporção é consistente com a obtida em outras cidades, sendo ainda ligeiramente superior em Recife (32,7% em São Paulo-2005 e 26,8% no Rio de Janeiro-2004). A experiência de discriminação na escola é fortemente influenciada pela idade, pela escolaridade e pela identidade sexual do(a) respondente. As trans são o grupo mais atingido, chegando a

50% de casos. Em seguida, vêm os homens homossexuais, com 39,8%. Homens bissexuais e mulheres homossexuais ocupam o terceiro e o quarto lugares (29,4% e 23,9%, respectivamente). Mulheres bissexuais vêm em último lugar, com 18,4%. Esta ordenação também indica que tal modalidade de discriminação é modulada pelo gênero da vítima, sendo expressivamente mais freqüente entre homens (38,6%) do que entre mulheres (22,5%).

As faixas etárias mais jovens são as mais atingidas: 43,5% das pessoas de até 18 anos responderam ter sofrido essa experiência na escola ou na faculdade, o que também foi relatado por 38,2% dos(as) jovens na faixa entre 19 e 21 anos e por 38,3% daqueles(as) na faixa entre 22 e 29 anos. Esta proporção cai para 21,1% na faixa de 40 anos ou mais. É preciso ter em mente que dos(as) respondentes de até 18 anos, 83,9% estão freqüentando escola ou faculdade, caindo este número consistentemente segundo as diferentes faixas etárias – dos(as) que têm idades entre 19 e 21 anos, 55,1% estavam na escola ou na faculdade; entre os(as) de 22 a 29 e os(as) na faixa de 40 anos ou mais, 49,6% e 12,6% encontravam-se, respectivamente, na mesma situação. A maior incidência de discriminação na escola ou na faculdade entre os(as) mais jovens pode, portanto, estar ligada ao fato de que a memória desses acontecimentos está mais presente entre os(as) que freqüentam o ambiente educacional, e não necessariamente ao fato de que essas discriminações estejam ocorrendo com mais freqüência atualmente do que no passado. Da mesma forma, entre os(as) que têm Ensino Fundamental, Médio ou Superior, os registros são maiores (38,8%; 35%, 30,4%) do que entre os(as) que apenas sabem ler e escrever (16,7%). Não há diferenças importantes em relação à variável cor ou raça.

GRÁFICO 28 | Discriminação em ambiente familiar por sexualidade agregada



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE

GRÁFICO 28 | COMENTÁRIO

As mulheres homossexuais são as principais vítimas de exclusão ou marginalização no ambiente familiar (34,9%). Em seguida vêm os homens bissexuais (31,4%), os homens homossexuais (31,3%) e as trans (27,8%) que relatam, em número bastante próximo, ter sofrido este tipo de discriminação. Por último, com incidência destacadamente menor, aparecem as mulheres bissexuais (14,3%). Esta é, sem dúvida, comparativamente, a modalidade de discriminação que mais afeta as mulheres homossexuais, havendo uma extrema consistência com resultados obtidos em pesquisas anteriores. As situações de discriminação em família, entre pessoas que se conhecem intimamente, são – desde a criação do primeiro serviço de atendimento às vítimas de violência, o DDH, Disque Defesa Homossexual, no Rio de Janeiro, em 1999¹⁷ – uma característica da homofobia que atinge mulheres homossexuais. Este fenômeno tem sido reconhecido apenas parcialmente pelo movimento lésbico. Não foram constatadas evidentes influências de variáveis de idade, escolaridade e cor.

¹⁷ Veja uma discussão sobre isso em RAMOS, Sílvia. “Disque Defesa Homossexual: Narrativas da violência na primeira pessoa”. Comunicações do ISER, nº 56, ano 20, 2001.

GRÁFICO 29 | Discriminação em ambiente religioso por sexualidade agregada

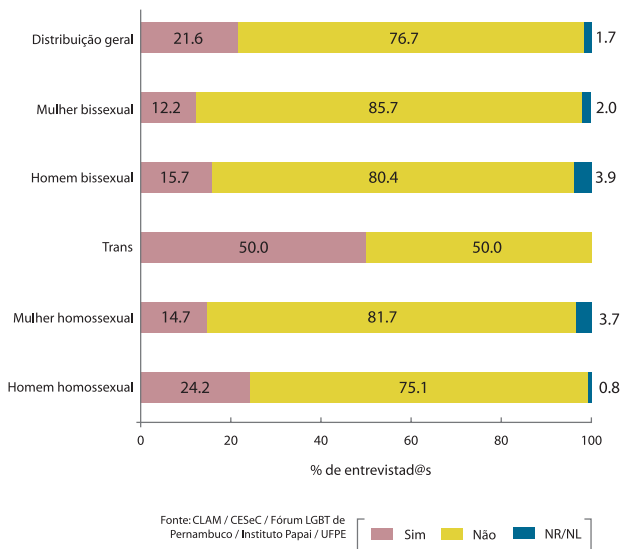
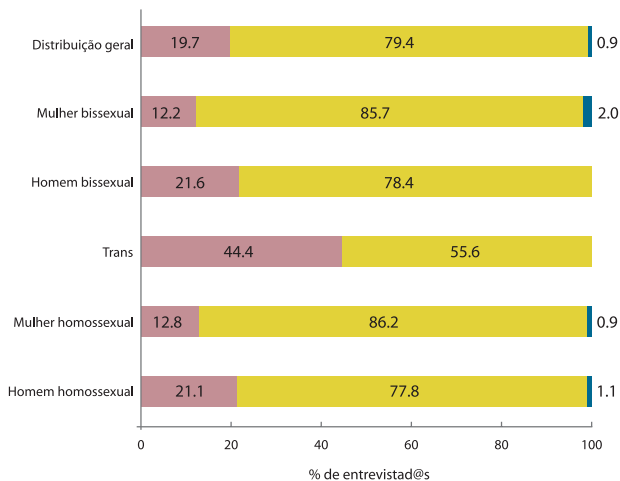


GRÁFICO 29 | COMENTÁRIO

No âmbito religioso, o grupo que destacadamente sofre mais discriminações é o das trans (50%). Os homens homossexuais relataram essa experiência na proporção de 24,2%. Em seguida, em percentuais bem menores, vêm os homens bissexuais (15,7%), as mulheres homossexuais (14,7%) e as mulheres bissexuais (12,2%). Não se constata influência significativa de variáveis de idade, cor e escolaridade neste tipo de discriminação. Quando se observa a frequência atual a cultos religiosos, não se verifica entre as trans uma presença mais acentuada que justifique maior incidência de discriminações em ambientes religiosos. Tudo indica que este alto percentual esteja ligado à marcada intolerância que recai sobre elas, dada a maior visibilidade de sua “diferença”.

GRÁFICO 30 | Discriminação no comércio ou em locais de lazer por sexualidade agregada

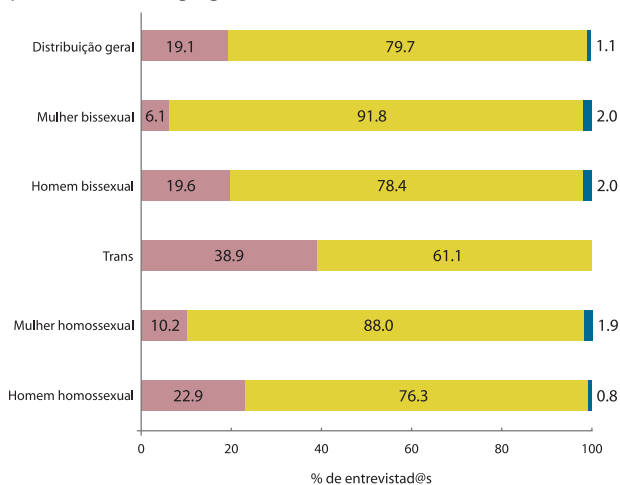


Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE [Sim Não NR/NL]

GRÁFICO 30 | COMENTÁRIO

Ter sido impedido de ingressar ou ter recebido mau atendimento em locais de comércio ou lazer é experiência vivida por 19,7% do conjunto da amostra, mas foi relatada em proporção bastante superior pelas trans (44,4%). Em seguida aparecem homens bissexuais (21,6%) e homens homossexuais (21,1%). Mulheres homossexuais (12,8%) e mulheres bissexuais (12,2%) vêm por último. Este tipo de discriminação é sensível à escolaridade: quanto maior a escolaridade, menor a sua incidência (afeta 30,3% dos que têm Ensino Médio e recua para 12,5% entre os que declaram ter pós-graduação). Nesse sentido, podemos supor que classe social é uma variável importante na compreensão da incidência diferencial de tal discriminação.

GRÁFICO 31 | Discriminação por policiais ou mau atendimento em delegacias por sexualidade agregada

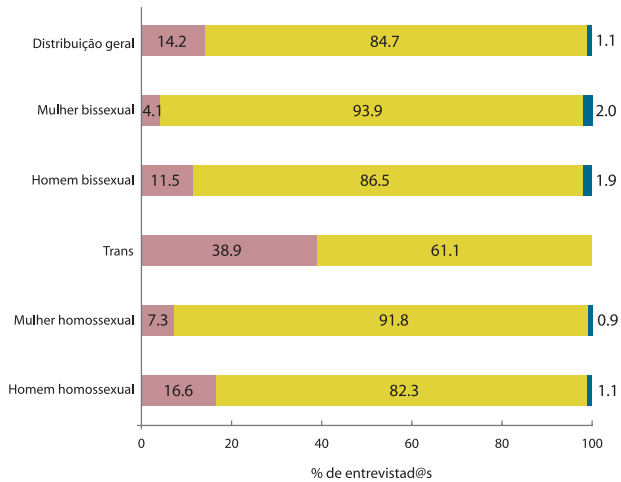


Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE [Sim Não NR/NL]

GRÁFICO 31 | COMENTÁRIO

Quando comparamos o atendimento dado em delegacias ou por policiais àquele prestado em serviços de saúde/profissionais de saúde (ver abaixo), revela-se o caráter acentuadamente homofóbico dos serviços de segurança e de polícia. Do conjunto da amostra, 19,1% dos(as) respondentes reportaram experiências de discriminação em delegacias, contra um percentual bem menor que revelou ter passado por essa mesma situação nos serviços de saúde (10,9%). Se considerarmos que, em geral, a experiência com policiais não é corriqueira, nos parece bastante alto o percentual de situações de discriminação envolvendo a polícia e relatadas por todos(as) os(as) entrevistados(as), especialmente pelas trans (38,9%). O grupo menos afetado aqui, como também em outras modalidades de discriminação, é o de mulheres bissexuais (6,1%). Entre os(as) que se declararam “pretos” ou “pardos” a incidência é maior do que entre os que se disseram “brancos” (23,3% entre “pretos”, 19,1% “pardos” e 14,6% entre “brancos”).

GRÁFICO 32 | Discriminação no trabalho ou no emprego por sexualidade agregada

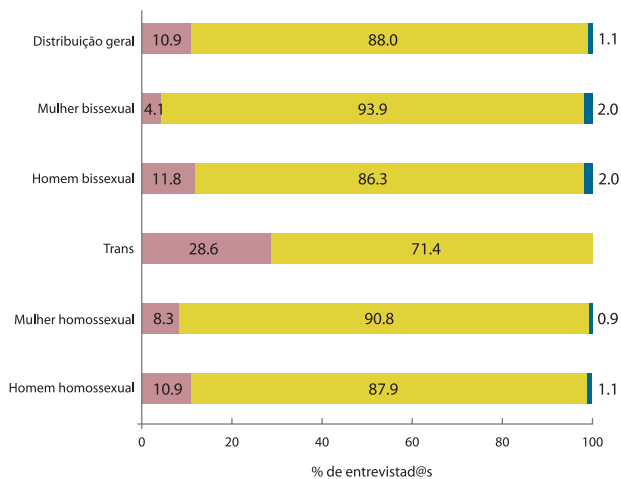


Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papiá / UFPE [Sim Não NR/NL]

GRÁFICO 32 | COMENTÁRIO

Não ter sido selecionado ou ter sido demitido do emprego por causa da sexualidade foi experiência relatada por 38,9% das trans. Quando desagregamos esse grupo, observamos que entre as que se declararam “travestis” o fato aconteceu em 43,5% dos casos. Em seguida aparecem os homens homossexuais (16,6%), os homens bissexuais (11,5%), as mulheres homossexuais (7,3%) e as mulheres bissexuais (4,1%). De forma consistente em relação a essa escala, a experiência de discriminação no ambiente de emprego ou trabalho está mais associada ao sexo masculino (17,8%) do que ao feminino (6,5%). Também parece ser modulada pelo grau de instrução (15,2% entre os(as) que têm Ensino Fundamental contra 6,3% entre os(as) que têm pós-graduação). Cor ou raça parecem influenciar igualmente: 16,1% entre “pardos”; 13,3% entre “pretos” e 10,3% entre “brancos”.

GRÁFICO 33 | Discriminação em serviços de saúde ou por profissionais de saúde por sexualidade agregada



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE

GRÁFICO 33 | COMENTÁRIO

O penúltimo lugar de todas as discriminações causadas pela sexualidade é ocupado pelos problemas em serviços de saúde, com 10,9% do conjunto dos(as) entrevistados(as) tendo passado por tais experiências. Comparativamente a outros grupos, as trans são as mais afetadas (28,6%). Em seguida, numa ordem diferente das demais discriminações, aparecem homens bissexuais (11,8%) e homens homossexuais (10,9%). Mulheres homossexuais (8,3%) e mulheres bissexuais (4,1%) são as menos atingidas. O nível de instrução parece ter impacto importante nesse tipo de experiência: há redução de discriminação na medida em que aumenta a escolaridade – 21,2% dos(as) que têm Ensino Fundamental contra 6,3% dos(as) que têm pós-graduação relataram ter sofrido discriminação em serviços de saúde. Os(as) que se declararam “pretos” também foram discriminados (15,6%) em proporção bem mais significativa do que os(as) que se declararam “brancos” (9,7%).

GRÁFICO 34 | Discriminação no ato de doar sangue por sexualidade agregada

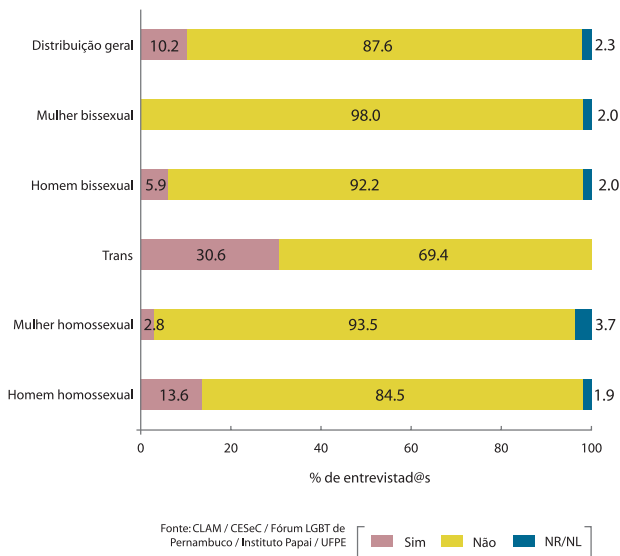
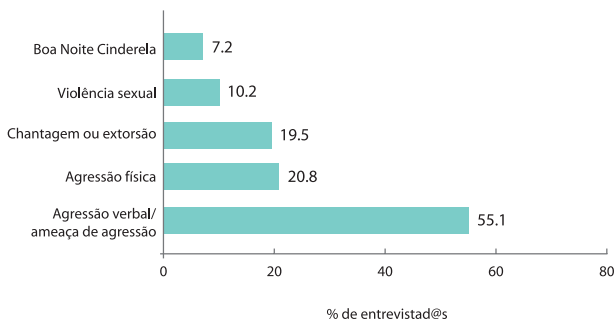


GRÁFICO 34 | COMENTÁRIO

O impedimento de doar sangue devido à sexualidade foi uma situação vivida por 10,2% do conjunto dos(as) entrevistados(as) e afeta três vezes mais as trans (30,6%), chegando a 34,8% no caso das “travestis”. É também uma experiência marcadamente associada ao sexo masculino (14,8%), em oposição ao sexo feminino (1,8%). Não apresenta correlação importante com grau de escolaridade e afetou mais os que se declararam “brancos” (13%) do que os(as) que se disseram “pretos” (8,9%) ou “pardos” (7,6%). Por ser uma situação relativa apenas aos que se dirigem aos serviços de saúde para doar sangue (cujas características de idade, sexo e escolaridade desconhecemos), pouco se pode dizer acerca de sua incidência na população GLBT, exceto que o quadro reflete políticas institucionais de saúde ainda retrógradas ou hesitantes e que não se pautam por regras claras.

GRÁFICO 35 | Modalidades de agressão (múltiplas respostas)



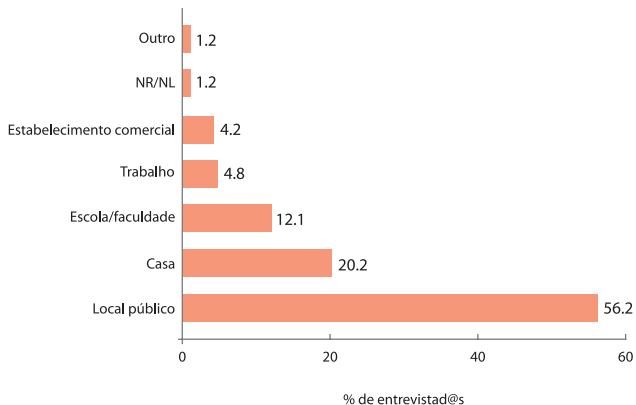
Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE
 Nota: Total de 544 entrevistad@s

GRÁFICO 35 | COMENTÁRIO

As agressões descrevem violências mais graves ou mais explícitas que as discriminações. As cinco modalidades pesquisadas (agressão verbal ou ameaça; agressão física; chantagem ou extorsão; violência sexual; “Boa Noite Cinderela”) afetam distintamente os vários grupos segundo suas identidades sexuais agregadas, sendo também influenciadas por fatores como idade, grau de instrução e cor ou raça. As situações podem dizer respeito a dinâmicas entre pessoas que não se conhecem, como uma agressão verbal ou uma extorsão ocorrida na rua, ou a situações envolvendo pessoas próximas ou íntimas, como uma agressão física na escola ou em casa.

Os patamares de agressão encontrados em Recife equiparam-se aos encontrados em São Paulo-2005 e no Rio de Janeiro-2004 e apresentam o mesmo gradiente de distribuição. Em primeiro lugar, mais da metade dos entrevistados já foi vítima de agressões verbais (55,1%); 20,8% de agressões físicas; 19,5% de chantagens e extorsões; 10,2% de violências sexuais e 7,2% do golpe “Boa Noite Cinderela”.

GRÁFICO 36 | Local da agressão

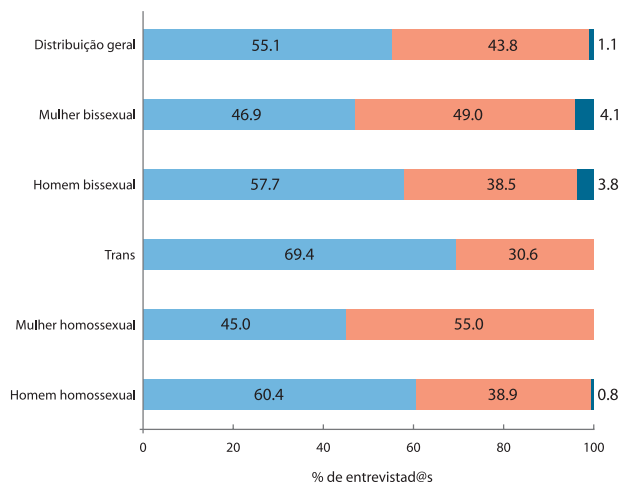


Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papei / UFPE
 Nota: Total de 331 entrevistad@s

GRÁFICO 36 | COMENTÁRIO

Quanto ao local das agressões, verificamos que a maioria delas ocorreu em lugares públicos (56,2%). Em seguida vêm as agressões sofridas em casa (20,2%); na escola ou na faculdade (12,1%); no trabalho (4,8%) e em estabelecimentos comerciais (4,2%).

GRÁFICO 37 | Agressão verbal/ameaça de agressão por sexualidade agregada



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE

GRÁFICO 37 | COMENTÁRIO

Ser ofendido ou ameaçado devido à sexualidade é a experiência de agressão mais relatada pela população GLBT, tendo corrido com mais da metade dos(as) entrevistados(as) (55,1%). Esta tem sido uma constante nos resultados das pesquisas realizadas em diferentes paradas no Brasil (Rio de Janeiro-2004, Porto Alegre-2004, São Paulo-2005). Também é o tipo de ataque que atinge de forma uniforme os diferentes grupos, segundo sua identidade sexual agregada. Enquanto as trans sofreram essa agressão em 69,4% dos casos, os homens homossexuais a relataram em 60,4%, seguidos pelos homens bissexuais em 57,7%. As mulheres bissexuais e as mulheres homossexuais vêm em seguida, com 46,9% e 45%, respectivamente. Dessa forma, mesmo as mulheres foram vítimas dessa agressão em proporção bastante alta, atingindo quase a metade das entrevistadas.

Este tipo de agressão denota a existência do alto grau de homofobia explícita nas cidades em que as pesquisas foram realizadas. Mostra também que, a despeito da realização de paradas do orgulho, de manifestações claras de apoio à luta por direitos sexuais e da existência de leis que

procuram coibir o preconceito, mecanismos de ofensa, repressão e desvalorização da diversidade sexual continuam a operar no dia-a-dia. A constatação de que xingamentos, ofensas e ameaças são proferidos de forma praticamente livre e sem sanções no Brasil vem instando o movimento GLBT a refletir sobre políticas que possam reduzir essa espécie de “epidemia” de injúrias verbais homofóbicas, a exemplo do que fez o movimento negro em relação às ofensas raciais, hoje praticamente banidas da cena pública. Nesse sentido, encontra-se em discussão atualmente no Congresso Brasileiro o projeto de lei 5003/2001, de autoria de Iara Bernardi (PT), que determina sanções penais às práticas discriminatórias em razão da orientação sexual das pessoas.¹⁸

GRÁFICO 38 | Agressão física por sexualidade agregada

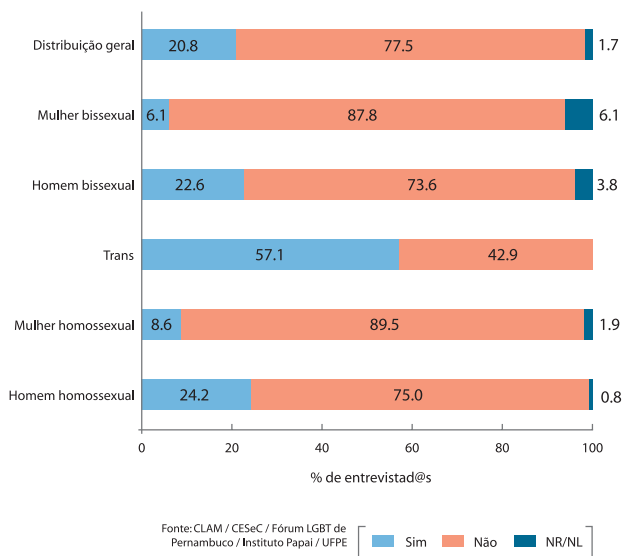


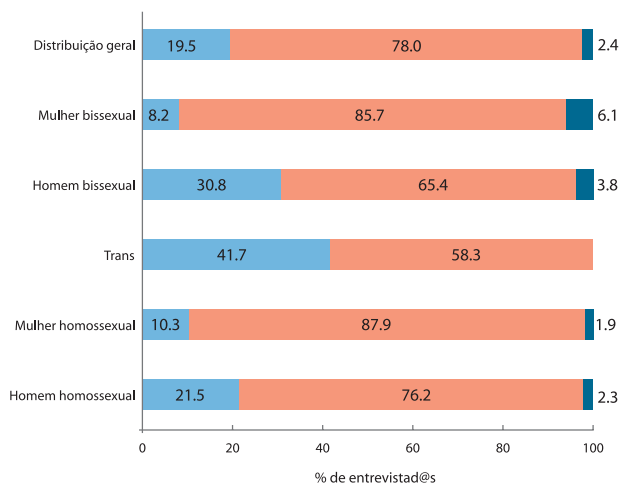
GRÁFICO 38 | COMENTÁRIO

Do total da amostra, 20,8% dos(as) respondentes já foram vítimas de agressão física devido à sua sexualidade. Mas essa proporção mais do que

¹⁸ Destacamos algumas das práticas discriminatórias contempladas no projeto: constrangimento ou exposição ao ridículo, proibição de ingresso ou permanência, atendimento diferenciado ou selecionado, preferência quando da ocupação de instalações em hotéis ou similares, preferência em exame, seleção ou entrevistas para ingresso no emprego, entre outras. A íntegra do projeto pode ser consultada via www.camara.gov.br

dobro, subindo para 57,1%, quando as respondentes são trans. Em seguida, mas em proporção comparativamente menor, vêm os homens homossexuais, com incidência de 24,2% e os homens bissexuais com 22,6%. As mulheres homossexuais, com 8,6%, e as mulheres bissexuais, com 6,1%, aparecem em proporções destacadamente menores. A experiência da agressão física motivada pela sexualidade é, portanto, predominantemente masculina e está vinculada à divergência em relação às convenções de gênero. O nível de instrução também parece exercer influência sobre essa modalidade de violência, já que 42,4% dos que tinham Ensino Fundamental foram vítimas de agressão física, contra apenas 12,9% dos que tinham Ensino Superior e 25% dos que tinham pós-graduação. Nem idade nem cor parecem influenciar tal experiência.

GRÁFICO 39 | Chantagem ou extorsão por sexualidade agregada



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE

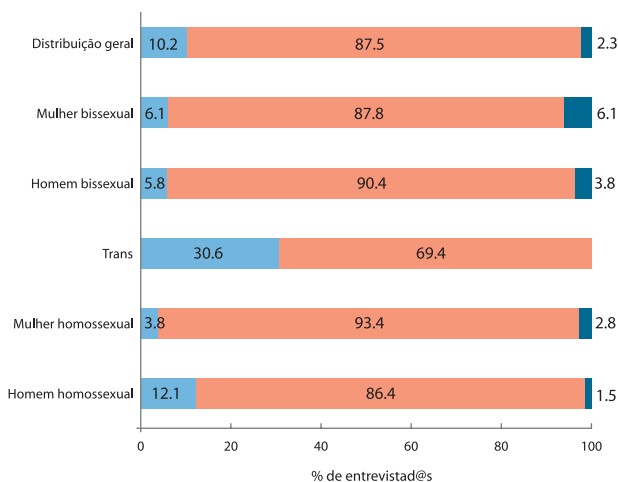
GRÁFICO 39 | COMENTÁRIO

Chantagens ou extorsões são violências graves cometidas com fins de lucro, em geral por pessoas desconhecidas ou recém-conhecidas da vítima. Muitas vezes sua denúncia é mal acolhida pela polícia (sendo que algumas vezes os chantagistas são ou se apresentam como policiais ou ex-policiais).

Por esta e por outras razões, freqüentemente a pessoa prejudicada se recusa a registrar denúncia contra o agressor, criando um círculo vicioso de vitimização e impunidade em que os mesmos agressores atuam em certas áreas durante muito tempo, fazendo muitas outras vítimas.

O grupo que costuma ser mais vitimado por essa modalidade de agressão é o das trans (41,7%), seguido pelo dos homens bissexuais (30,8%). No caso das trans, podemos estar detectando aqui dinâmicas relativas ao controle de pontos ou áreas de exercício do trabalho sexual. Os homens homossexuais são vítimas em proporção expressivamente menor (21,5%). As mulheres homossexuais (10,3%) e as mulheres bissexuais (8,2%) vêm em último lugar, indicando que, excluídos os casos das trans, essa modalidade de agressão é preferencialmente masculina. Nível de instrução também modula a experiência, porque a freqüência é expressivamente maior entre os que têm Ensino Fundamental (32,8%) em relação aos que têm Ensino Superior (16%) ou pós-graduação (6,3%). Há também uma razoável variação por cor: os que se declararam “brancos” foram vítimas de chantagem ou extorsão em 15,1% dos casos; os “pretos” em 17,8% e os “pardos” em 23,2%.

GRÁFICO 40 | Violência sexual por sexualidade agregada



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE

■ Sim
 ■ Não
 ■ NR/NL

GRÁFICO 40 | COMENTÁRIO

Nada menos do que 30,6% das trans já foram vítimas de agressões sexuais. Isto representa três vezes mais do que a frequência do conjunto da amostra (10,2%). A distribuição dessa violência é extremamente variável segundo os diferentes grupos de identidade sexual agregada. Depois das trans, em proporções bem menores, vêm os homens homossexuais (12,1%), as mulheres bissexuais (6,1%), os homens bissexuais (5,8%) e as mulheres homossexuais (3,8%). Quando observamos a idade, verificamos que a maior incidência se encontra nas faixas etárias mais altas: 15% dos(as) que tinham 30 a 39 anos contra 5,3% dos(as) que tinham 19 a 21 e 7,6% dos(as) que tinham 18 anos ou menos.

GRÁFICO 41 | “Boa noite Cinderela” por sexualidade agregada

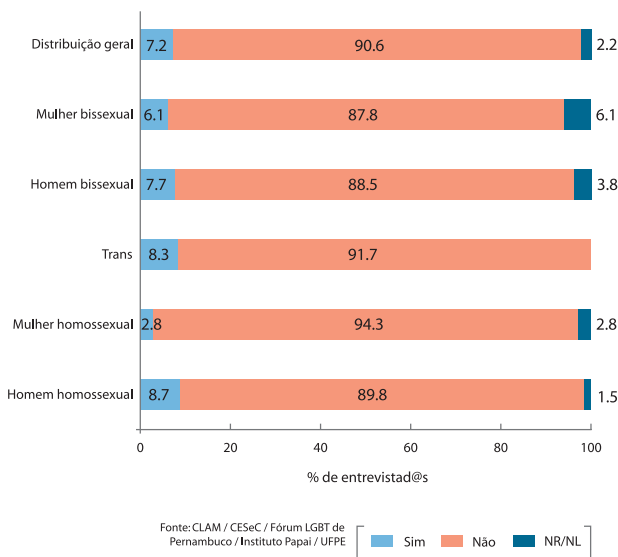


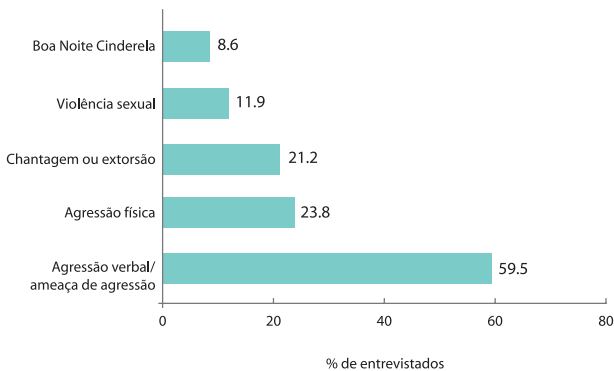
GRÁFICO 41 | COMENTÁRIO

O golpe “Boa Noite Cinderela” é uma modalidade específica e extremamente perigosa de homofobia com fins de lucro, podendo ameaçar a vida de uma pessoa. As principais vítimas são os homens homossexuais (8,7%), seguidos de perto pelas trans (8,3%), pelos homens bissexuais (7,7%) e,

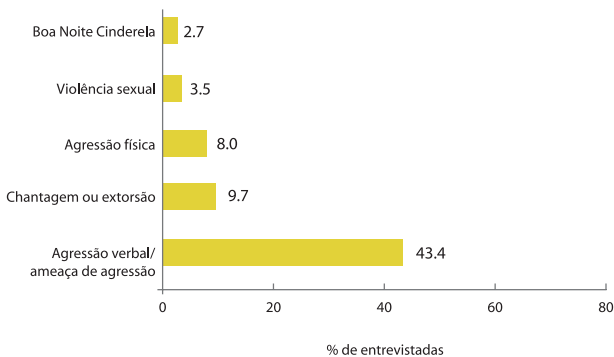
surpreendentemente, pelas mulheres bissexuais (6,1%). Esta distribuição apresenta diferenças em relação às outras pesquisas. Mas como os números são pequenos em termos absolutos (três casos de mulheres bissexuais, quatro casos de homens homossexuais, três casos de trans), não é possível tirar conclusões definitivas sobre eles, sendo aconselhável o acompanhamento do fenômeno em outras pesquisas, inclusive qualitativas.

GRÁFICO 42 | Panorama comparativo de agressões por identidade sexual agregada (múltiplas respostas)

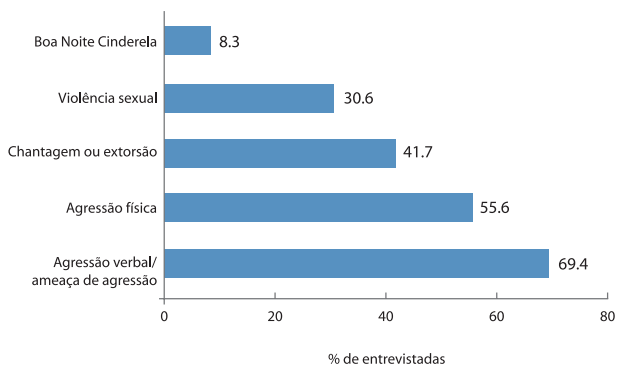
Homem homossexual



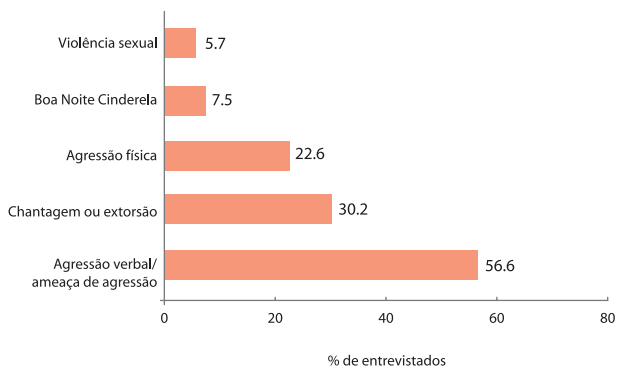
Mulher homossexual



I Trans



I Homem Bissexual



I Mulher Bissexual

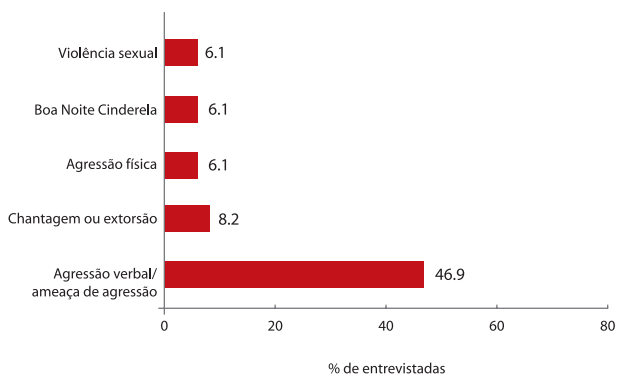
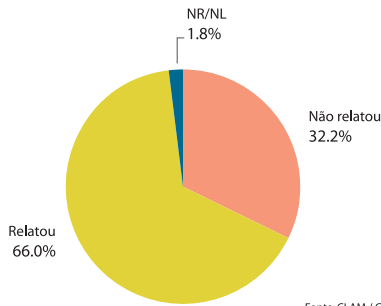


GRÁFICO 42 | COMENTÁRIO

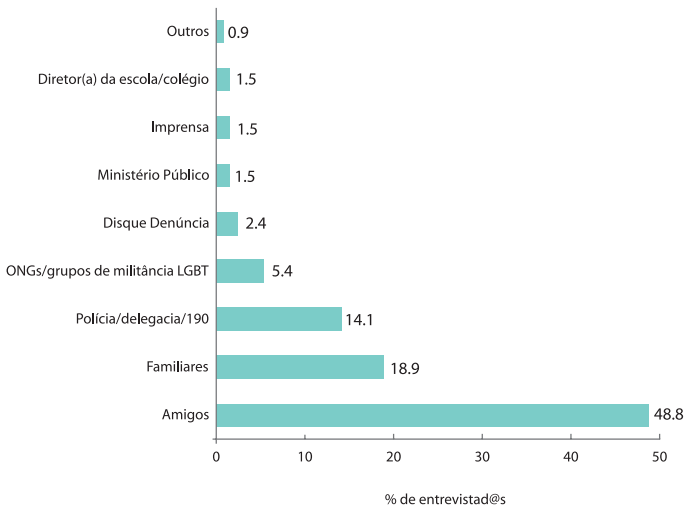
No conjunto dos gráficos acima, apresentamos os dados sobre agressão anteriormente discutidos (gráficos 37 ao 41), separados pelas identidades sexuais agregadas. Desta forma, é possível visualizar melhor como as agressões incidem sobre cada um dos grupos pesquisados.

GRÁFICO 43 | Relato da agressão



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papi / UFPE
 Nota: Total de 332 entrevistad@s

GRÁFICO 44 | Para quem relatou a agressão (múltiplas respostas)



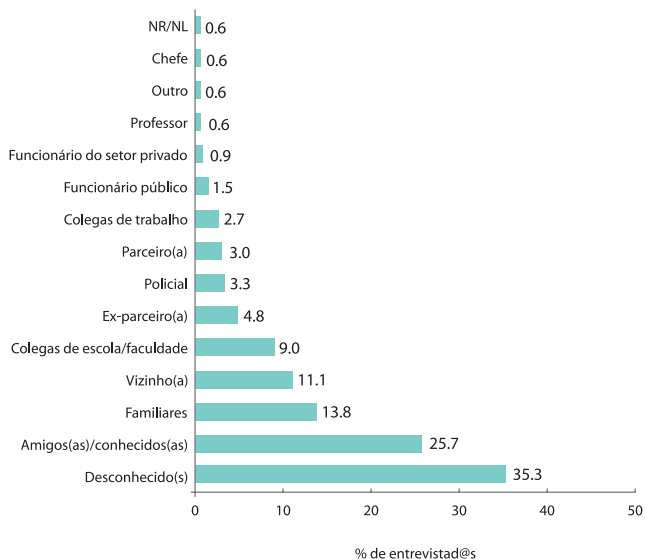
Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGBT de Pernambuco / Instituto Papi / UFPE
 Nota: Total de 344 entrevistad@s

I GRÁFICO 43 E 44 | COMENTÁRIOS

Uma proporção grande, 32,2% dos(as) entrevistados(as), não relatou para qualquer pessoa ou instituição a agressão sofrida ou a agressão considerada por ele(ela) como a mais grave, no caso de ter sofrido mais de uma. Este percentual, contudo, chama a atenção por ser expressivamente mais baixo do que os outros encontrados nas paradas do Rio de Janeiro-2004 (42,1%) ou de São Paulo-2005 (40,2%), isto é, em comparação com outras cidades, a proporção de relato das agressões é mais alta em Recife.

Os amigos foram aqueles para quem, destacadamente, as vítimas mais relataram a agressão sofrida (48,8%). Em segundo lugar, mas em proporção bem menor, vêm os familiares (18,9%). Em 14,1% dos casos a agressão foi registrada na delegacia de polícia ou denunciada para o 190 e em 2,4% deles foi comunicada ao Disque Denúncia. Os encaminhamentos aos grupos de militância ou às ONGs chegaram a 5,4%. Em todos os casos esses percentuais são mais altos do que os obtidos nas pesquisas da Parada de São Paulo-2005 e na do Rio de Janeiro-2004, o que pode indicar uma tradição de esforço de superação da impunidade em relação à homofobia mais desenvolvida em Recife do que em outras cidades.

GRÁFICO 45 | Agressores (múltiplas respostas)



Fonte: CLAM / CESeC / Fórum LGTB de Pernambuco / Instituto Papai / UFPE
 Nota: Total de 334 entrevistad@s

GRÁFICO 45 | COMENTÁRIO

Quando tomadas separadamente as diferentes categorias de agressores, as agressões partem de maneira mais freqüente de pessoas desconhecidas das vítimas (35,3%), ocorrendo majoritariamente em locais públicos (56,2%). No entanto, quando observamos muitas das relações de proximidade entre agressores e vítimas (familiares, amigos, vizinhos, parceiros, ex-parceiros e colegas de trabalho ou escola), chegamos à conclusão de que dinâmicas homofóbicas acontecem em sua esmagadora maioria (70,7%) entre pessoas que se conhecem. Esta constatação é corroborada pelo fato de a agressão mais significativa ter ocorrido, em muitos casos, em casa (20,2%), na escola (12,1%) e em locais de trabalho (4,8%) – conforme observado no gráfico 36. Mulheres homossexuais e mulheres bissexuais são as principais vítimas quando os(as) agressores(as) são amigos e conhecidos (34% e 32%). No caso de os(as) agressores(as) serem familiares, as principais vítimas são mulheres homossexuais (18,9%), seguidas de homens bissexuais (15,2%). Em Recife, policiais foram os agressores em 3,3% dos casos. Esta proporção é expressivamente menor do que a encontrada em

São Paulo-2005 (8,2%). Ainda assim, o fato de que agentes da lei, responsáveis pela defesa da população GLBT sejam, eles mesmos, agressores em algumas situações indica a necessidade de se formarem policiais qualificados e sensíveis à temática da homofobia.¹⁹

Ressaltamos também que em 7,8% dos casos os(as) agressores(as) eram parceiros(as) ou ex-parceiros(as) das vítimas, o que levanta um pouco o véu que ainda recobre dinâmicas muito pouco conhecidas relativas à violência conjugal entre pessoas do mesmo sexo.

¹⁹ Em maio de 2007, o Grupo Arco-Íris realizou no Rio de Janeiro, com o apoio da SEDH (Secretaria Especial de Direitos Humanos) e da SENASP (Secretaria Nacional de Segurança Pública) o I Encontro Nacional de Segurança Pública e Combate à Homofobia, voltado a este assunto específico: o papel das polícias na luta anti-homofóbica no Brasil. Em Recife, o movimento GLBT local, em parceria com outras instituições, tem promovido ações de combate à homofobia, especialmente em shoppings e universidades privadas, cujas seguranças são constantemente acusados de intimidar pessoas do mesmo sexo que manifestam publicamente seu afeto. Como resposta, têm sido firmados Termos de Ajustamento de Conduta que envolvem, entre outras coisas, cursos de sensibilização e capacitação para os profissionais envolvidos.

3. CONCLUSÕES

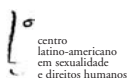
O *survey* realizado em Recife, cujos principais resultados foram aqui apresentados, faz parte de um esforço conjunto no sentido de se conhecer melhor a população GLBT brasileira. Seu principal objetivo foi visibilizar um fenômeno já conhecido que remete a experiências e a percepções de exclusão, marginalização e vitimização. Além de articular universidade, ativismo e gestão pública, uma de suas grandes contribuições foi a de deslocar o eixo de tais investigações das regiões Sul-Sudeste para uma importante metrópole do nordeste. Embora sejam resultados particulares de uma determinada região, os dados obtidos em Recife confirmam e estendem tanto os resultados anteriormente alcançados por nossas pesquisas no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Porto Alegre, quanto aqueles que vêm sendo progressivamente revelados por outras investigações semelhantes. O que se desenha, de um modo geral, são os contornos de trajetórias de vida ainda atravessadas por diferentes formas de discriminação, de violência física ou das muito freqüentes ameaças de ataque e agressões verbais.

Além disso, é importante ressaltar que se experiências de discriminação e violência ainda diferenciam e marcam a população GLBT no país, nossos dados vêm também revelando trajetórias que se incluem e se misturam ao fluxo mais geral da vida social brasileira. São pessoas de variadas “cores”, idades, classes sociais, profissões, preferências sexuais, identificações de gênero e que se inserem em diferentes tipos de relações: estão namorando; estão casadas; criam filhos; moram com suas famílias, com companheiros(as), com amigos(as).

O fato de essas trajetórias, tão especiais e tão comuns, serem captadas pela pesquisa em paradas de orgulho GLBT, ou seja, em momentos de mobilização política, aponta um contexto de ruptura em que a denúncia do que ocorreu parece corresponder o projeto de um futuro melhor ou, ao menos, de um futuro em que a diferença não provoque reações de violenta recusa e rejeição social. E o mais interessante é que a mobilização em torno desse projeto de um futuro diverso é em si mesma singular, pois nessa mistura de protesto e festa que são as paradas parece desenhar-se definitivamente um novo modo de fazer política.

Ao denunciarem a homofobia e ao apresentarem suas reivindicações através do orgulho, da alegria e da dança, os sujeitos nelas envolvidos parecem recusar-se a apenas assumir o papel de vítimas. Mobilizam assim a solidariedade social não somente através da exibição de suas “feridas”, mas também (e talvez principalmente) através da exibição exuberante e sedutora de seu mundo. Assim configurada, esta estratégia não coloca em jogo somente mudanças importantes, mas também pontuais no que se refere às leis e às políticas públicas brasileiras. Ela interpela a sociedade em seus valores e coloca em movimento um processo de transformação cultural muito mais profundo através do qual a diversidade sexual pode vir a ser não apenas tolerada, mas plenamente aceita e incorporada à trama cotidiana da vida social.

ANEXO 1 QUESTIONÁRIO



PESQUISA POLÍTICA, DIREITOS, VIOLÊNCIA E HOMOSSEXUALIDADE 5ª PARADA DA DIVERSIDADE PERNAMBUCO 2006

nº Quest. | | | |

O Fórum de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Transgêneros de Pernambuco, o Instituto PAPAÍ e universidades do Rio de Janeiro e Pernambuco (UERJ, UCAM e UFPE) estão realizando uma pesquisa para conhecer as opiniões e as experiências dos participantes da Parada sobre Políticas, Direitos e Sexualidade. O questionário é anônimo e as informações irão contribuir para ampliar o conhecimento sobre a comunidade LGBT.

BLOCO 0

| Nº Entrevistador(a) | | |

| Nº Supervisor(a) | | |

| 01. VOCÊ JÁ PARTICIPOU DE ALGUMA PARADA DA DIVERSIDADE OU DE ORGULHO LGBT ANTES DESTA?

1 sim

2 não

3 NL/NR

I 09. EM RELAÇÃO AOS SEUS(SUAS) PARCEIROS(AS), VOCÊ PREFERE QUE ELES(ELAS) SEJAM:

I IDADE

- 1 mais novos que você
- 2 mais velhos
- 3 mesma faixa etária
- 4 indiferente
- 99 NS/NR

I NÍVEL ECONÔMICO

- 1 mais ricos que você
- 2 mais pobres
- 3 mesma faixa de renda
- 4 indiferente
- 99 NS/NR

I ATRIBUTO DE GÊNERO

- 1 mais masculinos
- 2 mais femininos
- 3 assim como você
- 4 indiferente
- 99 NS/NR

I 10. VOCÊ TEM FILHOS? [*pode marcar mais de uma*]

- 1 sim, de um relacionamento heterossexual anterior
- 2 sim, de uma relação sexual eventual (produção independente)
- 3 sim, adotei legalmente
- 4 sim, peguei para criar (adoção informal)
- 5 sim, meu/minha parceiro/a tem filhos que considero como meus
- 6 sim, outro modo. Qual? _____

I INSTRUÇÃO

- 1 mais instruídos que você
- 2 menos instruídos
- 3 mesmo nível de instrução
- 4 indiferente
- 99 NS/NR

I COR

- 1 mais escuros que você
- 2 mais claros
- 3 mesma cor/raça
- 4 indiferente
- 99 NS/NR

7 não

99 NS/NR

BLOCO II – SEXUALIDADE/SAÚDE

Agora vou fazer algumas perguntas sobre sexualidade e saúde.

11. VOCÊ JÁ ASSUMIU SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL PARA: *[pode marcar mais de uma]*

1 familiares

2 amigos

3 colegas de trabalho

4 colegas de escola/faculdade

5 profissionais de saúde (médico, psicólogo, etc.)

6 outras pessoas. _____

7 ainda não me assumi

99 NR

12. VOCÊ JÁ FEZ O TESTE DO HIV?

1 nunca fiz e não tenho vontade de fazer

2 nunca fiz, mas tenho vontade de fazer

3 fiz uma vez

4 fiz algumas vezes. Quantas? |___|___|

5 faço periodicamente

99 NS/NR

SOMENTE PARA TRANSGÊNEROS

13. VOCÊ USA OU JÁ USOU HORMÔNIOS OU SILICONE?

1 sim

2 não _ *vá para a pergunta 16*

99 NR

14. VOCÊ JÁ RECEBEU ORIENTAÇÕES SOBRE CUIDADOS NO USO DO SILICONE OU HORMÔNIOS?

[pode marcar mais de uma]

- 1 nunca recebi
 - 2 sim, de serviço ou profissional de saúde
 - 3 sim, de grupos de militância/ONGs
 - 4 sim, de outra travesti ou transexual
 - 5 sim, de outra fonte. Qual? _____
- 99 NR

SOMENTE PARA MULHERES

15. VOCÊ JÁ FOI AO GINECOLOGISTA?

- 1 nunca fui
 - 2 fui uma vez
 - 3 fui algumas vezes
 - 4 vou todo ano
 - 5 outra periodicidade. Qual? _____
- 99 NR

BLOCO III – MOBILIZAÇÃO, DIREITOS E VIOLÊNCIA

As próximas perguntas serão sobre participação, direitos e discriminação.

16. VOCÊ PARTICIPA OU JÁ PARTICIPOU DE ALGUM MOVIMENTO SOCIAL COMO OS QUE VOU LER ABAIXO? **[pode marcar mais de uma]**

- 1 associação de moradores
- 2 sindicato(s)
- 3 partido político
- 4 grupo(s) religioso(s)
- 5 ONGs
- 6 movimento estudantil
- 7 movimento homossexual

8 movimento feminista

9 outros: _____

10 nunca participou

99 NS/NR

I 17. NA SUA OPINIÃO, EXISTE ALGUM POLÍTICO, EM PERNAMBUCO OU NO BRASIL, QUE APÓIA A CAUSA GLBT?

1 sim. Qual? _____

2 não 99 NR

I 18. VOCÊ CONHECE ALGUMA LEI, OU PROJETO DE LEI, EM PERNAMBUCO OU NO BRASIL, QUE BENEFICIE GAYS, LÉSBICAS, TRAVESTIS, TRANSEXUAIS OU BISEXUAIS?

1 sim. Qual? _____

2 não 99 NR

I 19. DEVIDO À SUA SEXUALIDADE, VOCÊ JÁ SOFREU ALGUMAS DAS DISCRIMINAÇÕES QUE VOU LER?

1 - não ter sido selecionado ou ter sido demitido do emprego

1 sim 2 não 99 NR/NL

2 - ter recebido tratamento diferenciado ou ter sido impedido de entrar em comércio/locais de lazer

1 sim 2 não 99 NR/NL

3 - ter sido mal atendido(a) em serviços de saúde ou por profissionais de saúde

1 sim 2 não 99 NR/NL

4 - ter sido marginalizado(a) por professores ou colegas na escola/faculdade

1 sim 2 não 99 NR/NL

5 - ter sido excluído(a) ou marginalizado(a) de grupo de amigos ou vizinhos

1 sim 2 não 99 NR/NL

6 - ter sido excluído(a) ou marginalizado(a) em ambiente familiar

1 sim 2 não 99 NR/NL

7 - ter sido excluído(a) ou marginalizado(a) em ambiente religioso

1 sim 2 não 99 NR/NL

8 - ter sido impedido de doar sangue

1 sim 2 não 99 NR/NL

9 - ter sido maltratado por policiais ou ter sido mal atendido em delegacias

1 sim 2 não 99 NR/NL

I 20. DEVIDO À SUA SEXUALIDADE, VOCÊ JÁ SOFREU ALGUMA DAS AGRSSÕES QUE VOU LER?

1 - agressão física

1 sim 2 não 99 NR/NL

2 - agressão verbal/ameaça de agressão

1 sim 2 não 99 NR/NL

3 - Boa Noite Cinderela

1 sim 2 não 99 NR/NL

4 - violência sexual

1 sim 2 não 99 NR/NL

5 - chantagem ou extorsão

1 sim 2 não 99 NR/NL

Se assinalou somente uma, pule para 22.

Se respondeu "não" em todas as alternativas, pule para a pergunta 25.

I 21. QUAL FOI A AGRSSÃO MAIS GRAVE OU MAIS MARCANTE

[No caso de mais de um tipo de agressão]: | |

1 agressão física

2 agressão verbal/ameaça

3 boa noite Cinderela

4 violência sexual

5 chantagem ou extorsão

99 NS/NR

I 22. ONDE OCORREU ESTA AGRESSÃO? *[espere a resposta]*

- 1 casa
- 2 trabalho
- 3 escola/faculdade
- 4 estabelecimento comercial
- 5 local público (rua, shoppings, praças, parques, praia)
- 6 outro: _____
- 99 NR/NL

I 23. QUEM FOI O AUTOR OU AUTORES DESTA AGRESSÃO?

[espere a resposta e pode marcar mais de uma opção]

- 1 amigo(a)s/conhecido(a)s
- 2 parceiro(a)/ex-parceiro(a)
- 3 ex-parceiro(a)
- 4 familiares
- 5 colegas de escola/faculdade
- 6 colegas de trabalho
- 7 vizinho(a)
- 8 policial
- 9 professor
- 10 chefe
- 11 funcionário público
- 12 funcionário do setor privado
- 13 desconhecido(s)
- 14 profissionais de saúde
- 15 outro: _____
- 99 NR/NL

I 23. VOCÊ RELATOU ESTE FATO PARA: *[pode marcar mais de uma]*

- 1 polícia/delegacia/190

Coleção Documentos

- 2 Ministério Público
- 3 ONGs/grupos de militância GLBT. Qual? _____
- 4 imprensa
- 5 amigos
- 6 familiares
- 7 Disque Denúncia
- 8 outros. _____
- 9 não relatou
- 99 NR/NL

BLOCO IV - GOSTARIA DE PEDIR SUA OPINIÃO SOBRE DOIS TEMAS QUE VÊM SENDO DISCUTIDOS ATUALMENTE NO BRASIL.

I 25. SOBRE O PROJETO DE PARCERIA CIVIL, QUE RECONHECE O CASAMENTO ENTRE PESSOAS DO MESMO SEXO, VOCÊ É:

- 1 A favor. Por quê? _____
- 2 contra. Por quê? _____
- 3 não conheço o suficiente para opinar
- 99 NR

I 26. SOBRE GAYS, LÉSBIICAS, TRANSGÊNEROS OU BISSEXUAIS TEREM/CRIAREM FILHOS, VOCÊ É:

- 1 A favor. Por quê? _____
- 2 contra. Por quê? _____
- 99 NS/NR

BLOCO V - PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO

Para finalizar, vou fazer algumas perguntas sobre seu perfil sócio-econômico.

I 27. QUAL É A SUA IDADE? | | anos

I 28. QUAL É A SUA COR OU RAÇA? _____

I 29. QUAL A SUA COR OU RAÇA NA SEGUINTE CLASSIFICAÇÃO DO IBGE? *[atenção, leia as opções]*

- 1 branca
- 2 preta
- 3 parda
- 4 amarela
- 5 indígena
- 99 NS/NR

I 30. EM QUE RELIGIÃO VOCÊ FOI CRIADO? *[pode marcar mais de uma]*

- 1 católica
- 2 evangélica. Qual? _____
- 3 espírita/kardecista
- 4 umbanda
- 5 candomblé
- 6 nenhuma
- 7 outra. Qual? _____
- 99 NS/NR

I 31. ATUALMENTE, QUAL A RELIGIÃO OU CULTO QUE VOCÊ FREQUENTA? *[pode marcar mais de uma]*

- 1 católica
- 2 evangélica. Qual? _____
- 3 espírita/kardecista
- 4 umbanda
- 5 candomblé
- 6 nenhuma
- 7 outra. Qual? _____
- 99 NS/NR

I 32. QUAL É O SEU NÍVEL DE INSTRUÇÃO? **[espere a resposta e classifique depois]**

- 1 sabe ler e escrever
- 2 ensino fundamental incompleto
- 3 ensino fundamental completo
- 4 ensino médio incompleto
- 5 ensino médio completo
- 6 ensino superior incompleto
- 7 ensino superior completo
- 8 mestrado/doutorado (em andamento ou concluído)
- 99 NR

I 33. ATUALMENTE VOCÊ FREQUENTA ALGUMA ESCOLA DE PRIMEIRO, SEGUNDO GRAU OU UNIVERSIDADE?

- 1 sim
- 2 não
- 3 NR

I 34. VOCÊ ATUALMENTE: **[marque apenas uma, a principal fonte]**

- 1 exerce atividade remunerada. Qual/quais? _____
- 2 recebe benefício, pensão, aposentadoria ou bolsa de estudo
- 3 não trabalha nem recebe benefício

99 NS/NR

I 35. ONDE VOCÊ RESIDE?

- 1 no Brasil
- Estado _____
- País _____
- Bairro _____

2 fora do Brasil. Qual País? _____

99 NR

I 36. QUAL O VEÍCULO QUE VOCÊ USOU PARA VIR PARA A PARADA?

[apenas para quem reside fora de Recife]

- 1 ônibus
- 2 avião
- 3 carro
- 4 Outro. Qual? _____
- 99 NR

I 37. ONDE VOCÊ FICOU HOSPEDADO DURANTE ESSES DIAS?

[apenas para quem reside fora de Recife]

1 Hotel 2 Casa de amigos 3 Outro. Qual? _____ 99 NR

I 38. COM QUE SEXO VOCÊ FOI REGISTRADO AO NASCER?

1 feminino 2 masculino 99 NR

Agradecer a participação

I 39. VOCÊ CONCORDARIA EM PARTICIPAR DE UMA CONVERSA MAIS DEMORADA SOBRE OS TEMAS DESTE QUESTIONÁRIO? ESTA CONVERSA SERIA AGENDADA COM VOCÊ EM LOCAL DA SUA ESCOLHA E SEU NOME MANTIDO EM SIGILO (**anotar na folha em anexo**).

1 sim 2 não

ANEXO 2

Supervisores(as):

Ana Luiza Funghetti, Ana Roberta, Érika de Sousa Mendonça, Liliana Barros Tavares, Mariana Azevedo, Sirley Vieira da Silva.

Entrevistadores(as):

Adriana Auxiliadora Medeiros de Moraes, Amanda Mota, Anderson S. Moreira, André George Silva de Medeiros, André Valeriano Almeida Guedes, Anna Renata Pinto de Lemos Cordeiro, Arlene Sarita Melo, Bartira Wanderley Alves Leite, Berta Maria Brunet, Carlos Alexandre Silva de Santos, Daniel Thiago Freire da Silva, Douglas Luiz de Oliveira Santos, Edinaldo Brito dos Santos, Edson Cordeiro do Nascimento, Elisangela Nunes Codeiro, Érika Moraes, Erison Gama de Oliveira, Fabiana Romão de Carvalho, Felipe Santiago, Flavio Galdino de Souza, Francisco Alves da Costa Neto, Gioconda de Sousa Silva, Giselle Maria Nanes Correia Dos Santos, Gislayne Vieira, Glauber dos Santos Stringlini, Glaudston Cordeiro de Lima, Isadora Dias Gomes, Jacineide da Silva, Jairo Nunes Bezerra, Jaqueline Soares da Silva, Jodileno Ferreira da Silva, Juliana Catarine Barbosa da Silva, Juliana M^a Moura N. Silva, Jullyanne Brasilino, Kirte Maria Teixeira, Manuela Braga, Marcela Amaral, Maria Cláudia L. Brito, Maria de Fátima Paixão, Maria Regina Melo Santos, Marillia Gabriella Torres de Andrade, Marivaldo Silvestre dos Santos, Mirela Rejane Pereira Torres, Nilson Henrique, Paloma Silva Silveira, Patrick Serapião, Priscilla Albuquerque, Renato Cosme César, Rhute Menezes, Robson Araújo, Robson Clécio da Silva, Robson Pinheiro da Silva, Rodrigo Aniceto Sergio Rodrigues, Sady D'assumpção Torres, Sandra

Carolina Farias de Oliveira, Severina Gomes, Severino Alves, Silvana Sobreira de Matos, Simone Maria de Souza Lins, Stela Priscila Barros Pragana Mariano, Tiago Matheus Corrêa, Valter Sampaio Alvesa, Vivian Lemos Mota.